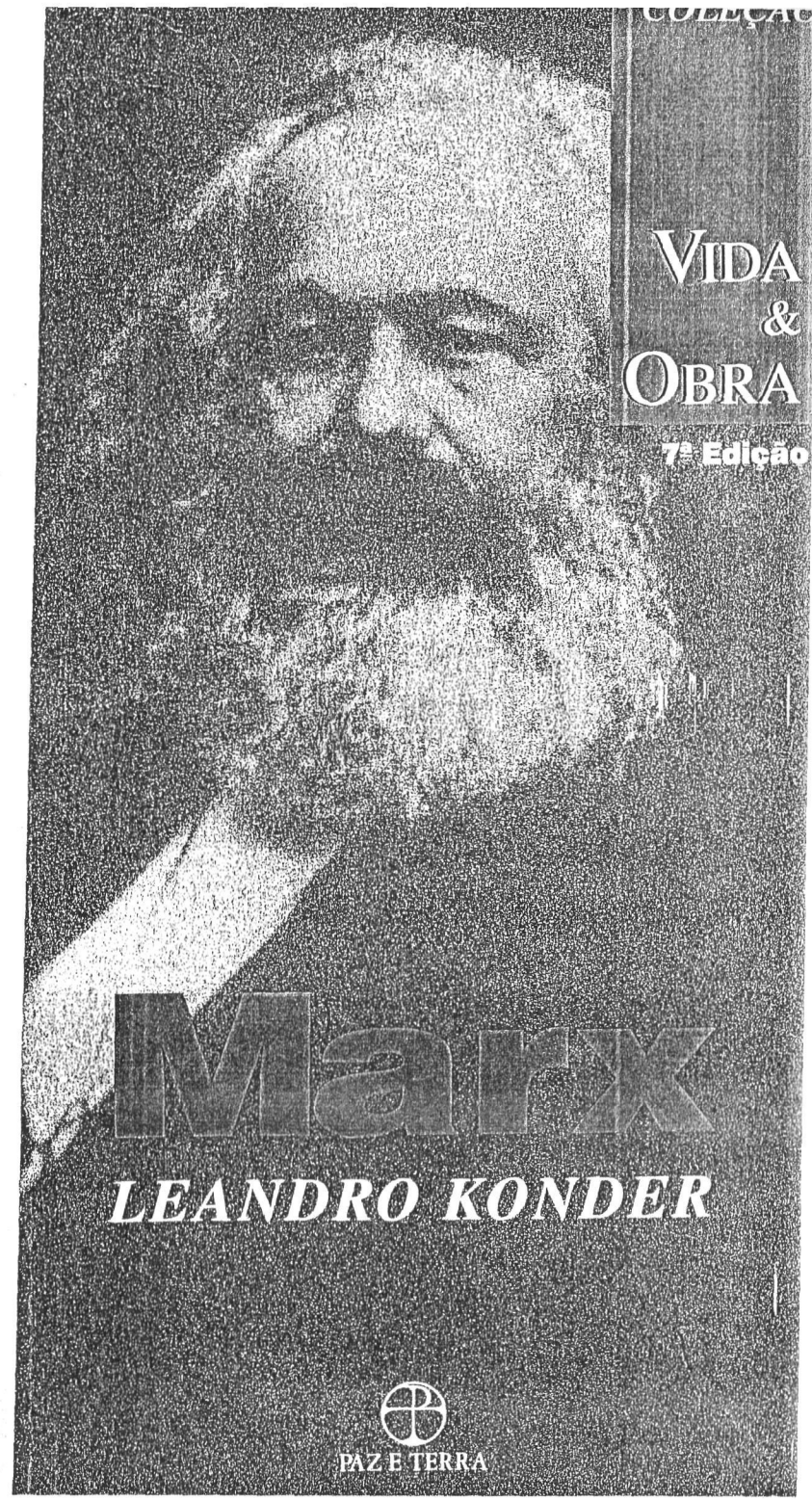


COLLEÇÃO

VIDA
&
OBRA

7ª Edição



Marx

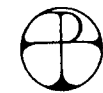
LEANDRO KONDER



PAZ E TERRA

LEANDRO KONDER

MARX
VIDA E OBRA



PAZ E TERRA

© Leandro Konder

CIP-Brasil. Catalogação-Na-Fonte

(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Konder, Leandro

Marx – vida e obra/ Leandro Konder

São Paulo: Paz e Terra, 1999.

(Coleção Vida e Obra)

ISBN 85-219-0328-6

Inclui bibliografia

M355m

1. Marx, Karl Heinrich, 1818-1883

I. Título.

A MEU PAI,
VALÉRIO KONDER

81-0036

CDD-923.6

CDU-92 Marx, Karl H.

EDITORA PAZ E TERRA S.A.

Rua do Triunfo, 177

01212-010 — São Paulo-SP

Tel.: (011) 223-6522

Fax: (011) 223-6290

1999

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Sumário

| | |
|--------------------|----|
| Prefácio | 9 |
| Nascimento | 11 |
| Infância | 13 |
| Jenny | 15 |
| Universidade | 17 |
| Diploma | 21 |
| Jornalismo | 23 |
| Comunismo | 25 |
| Proletariado | 27 |
| Religião | 29 |
| Economia | 31 |
| Alienação | 33 |
| Engels | 37 |
| Paris | 41 |
| Dialética | 43 |
| Materialismo | 47 |
| Bruxelas | 49 |
| Prática | 51 |
| Ideologia | 53 |
| Polêmicas | 57 |
| Proudhon | 59 |
| Manifesto | 63 |
| Retorno | 67 |

| | |
|-----------------------|-----|
| Colônia | 71 |
| Londres | 75 |
| História | 79 |
| Dor | 83 |
| Crítica | 87 |
| Arte | 91 |
| Vogt | 95 |
| Desentendimento | 97 |
| Secessão | 99 |
| Internacional | 103 |
| Capital | 107 |
| Valor | 111 |
| Dinheiro | 115 |
| Mais-Valia | 117 |
| Mercadoria | 121 |
| Revolução | 123 |
| Comuna | 127 |
| Ditadura | 131 |
| Bakunin | 135 |
| Lassalle | 137 |
| Rússia | 141 |
| Crepúsculo | 143 |
| Morte | 145 |
| Posteridade | 149 |
| Bibliografia | 153 |

Prefácio

Essa edição reproduz com pequenas alterações o texto das edições anteriores.

Embora tenham transcorrido mais de três décadas, a União Soviética tenha-se dissolvido e muita coisa tenha mudado, essa breve introdução a Marx não perdeu sua serventia.

Uma única modificação se impôs ao livro: a do prefácio.

Na primeira edição, o prefácio citava figuras que na época eram famosas, mas hoje estão meio esquecidas, como o ex-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon e o ex-diretor da CIA Allen Dulles. A citação procurava mostrar que a importância de Marx era reconhecida até por alguns dos seus piores inimigos.

Nessa nova edição, Nixon e Dulles foram postos de lado. E o autor pede licença aos leitores para lembrar no prefácio outro testemunho.

Quando a Unesco homenageou em Paris, em 1968, o 150º aniversário do nascimento de Marx, um ilustre sociólogo brasileiro declarou:

Como instrumento de análise científica dos processos sociais globais, a análise dialética não pode, certamente, substituir os progressos realizados pela ciência social contemporânea em múltiplos e diversos setores, em particular no emprego das técnicas de mensuração e análise dos fluxos sociais. Contudo, enquanto forma de interpretação capaz de ligar estrutura e história, conexões objetivas e escolhas políticas, a con-

tribuição de Marx constitui ainda hoje um importante alicerce da ciência social contemporânea.

O autor dessa sugestiva declaração era ninguém menos do que Fernando Henrique Cardoso.

Nascimento

Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818, nove anos depois de Darwin, cinco depois de Kierkegaard, três antes de Baudelaire e de Dostoievski, dez antes de Tolstoi.

Ele nasceu na pequena cidade de Trêves, no sul da Prússia Renana, região situada hoje na Alemanha Ocidental, nas fronteiras com a França.

Na ocasião em que Karl Marx nasceu, Trêves tinha cerca de 12 mil habitantes. De 1798 até 1814, a cidade tinha pertencido à França e tinha sido a sede da administração francesa da região do Sarre.

Em 1815, após a derrota de Napoleão, a Prússia anexou a região do Reno onde se achava Trêves e essa mudança afetou a situação dos pais de Karl Marx. O pai de Karl era um advogado chamado Hirschel Marx. Embora fosse filho de um rabino judeu, o advogado Hirschel estava afastado da religião de seu pai e era um livre-pensador, familiarizado com os livros dos ideólogos da Revolução Francesa, liberal moderado, admirador de Lessing, de Voltaire e de Rousseau. A mãe de Karl era holandesa e chamou-se, em solteira, Henriette Pressburg; também ela descendia de rabinos judeus. Ao contrário do marido, que era um espírito cultivado e aberto ao trato dos grandes ideais, a senhora Henriette Marx era uma criatura bastante limitada, que vivia em função das conveniências domésticas e das vantagens práticas imediatas. Anos mais tarde, ao ver seu filho Karl Marx enfrentando grandes dificuldades materiais para escrever seu livro *O capital*, a senhora Henriette Marx, em

seu utilitarismo cru, observou-lhe que ele teria feito melhor se, em vez de *escrever* sobre o capital, tivesse se dedicado a *ganhá-lo*.

Por sua condição social e econômica, os pais de Karl Marx pertenciam à pequena burguesia próspera de Trèves. Como advogado, o pai de Karl gozava de bom conceito.

Quando Trèves passou a sofrer a dominação prussiana de Frederico Guilherme III, entretanto, criou-se uma situação incômoda para os judeus. O governo absolutista e reacionário de Frederico Guilherme III era antifrancês e anti-semita. O advogado Hirschel Marx viu-se ameaçado de não poder mais exercer a sua profissão; e, pouco antes do nascimento do seu filho Karl, achou conveniente converter-se ao protestantismo, mudando seu nome de Hirschel para Heinrich. Assim, quando Karl nasceu, em 1818, foi registrado como filho do dr. Heinrich Marx e de d. Henriette Marx.

Infância

Karl Marx foi o terceiro dos nove filhos do casal Marx. O primeiro chamou-se Moritz-David, a cujo nascimento seguiram-se os de Sofia (1816), Karl (1818), Hermann (1819), Henriette (1820), Luíza (1821), Emília (1822), Carolina (1824) e Eduardo (1826).

Moritz-David morreu logo depois de nascer. Eduardo morreu com nove anos e Hermann com 23. Dos homens, o que viveu mais foi mesmo Karl. Hermann, que não era nada brilhante, havia sido encaminhado pelo pai para o comércio e se encontrava em Bruxelas, fazendo estágio em uma empresa comercial, quando a tuberculose o atingiu, tal como já havia atingido Eduardo e como ainda viria a atingir Carolina e Henriette.

A infância de Karl Marx transcorreu em um período histórico de estagnação e conservadorismo. Depois da Revolução Francesa e da época napoleônica, as potências mais reacionárias da Europa tinham organizado a Santa Aliança, com o objetivo de neutralizar os efeitos da Revolução Francesa, que Napoleão estendera a numerosos países.

Frederico Guilherme III, imperador da Prússia, participava da Santa Aliança e combatia o liberalismo burguês. No princípio, o governo de Frederico Guilherme III ainda conseguiu contar com a simpatia de alguns círculos liberais da região de Trèves, pois esses círculos estavam descontentes com o regime ditatorial de Bonaparte. Com o passar dos anos, entretanto, ficou claro para todos que a nova administração era muito mais absolutista do que a anterior.

Por outro lado, a política econômica e financeira do governo prussiano tornava-o muito impopular na zona do Reno. Além de dificultar o processo de industrialização da região onde se achava Trèves, Frederico Guilherme III tomou medidas que acarretaram uma baixa no preço do principal produto nela produzido: o vinho.

O povo, desorganizado, não podia fazer uma oposição eficiente ao governo que o prejudicava e empobrecia. Quando se realizou, na França, a Revolução de 1830, porém, seus ecos chegaram até a região do Reno: alguns liberais tentaram orientar o descontentamento popular, promovendo manifestações antiprussianas.

Apesar de não terem tido êxito, essas manifestações de protesto preocuparam as autoridades policiais e provocaram medidas de repressão. E as medidas de repressão acabaram por atingir até o Ginásio do Estado, onde Karl Marx estudava.

Em 1833, abriu-se no Ginásio do Estado de Trèves um inquérito destinado a apurar a "subversão" liberal no interior do estabelecimento. Havia pressão política no sentido de que fosse destituído o diretor do colégio, professor Wyttenbach, protestante de orientação racionalista, simpaticamente do liberalismo kantiano. O professor Wyttenbach não foi destituído, mas acabaram por lhe impor a companhia vigilante de um co-diretor reacionário: o professor Loers.

Karl Marx — que era então um jovem de quinze anos — parece ter tomado partido em favor do diretor. Tanto que, ao terminar o seu curso secundário, em 1835, quando já contava dezessete anos, o moço fez uma visita de despedida e agradecimento ao professor Wyttenbach, porém se recusou a visitar Loers, o professor que colaborava com as autoridades policiais do governo prussiano absolutista.

Jenny

Karl Marx não fez muitos amigos no Ginásio Trèves. Ele era o mais moço da turma. Era protestante e de origem judaica, ao passo que seus colegas eram geralmente de famílias católicas. Além disso, Karl era muito inteligente e muito irônico, em contraste com os colegas, que eram medíocres e, na maioria, foram reprovados no exame do final do curso.

Um dos raros amigos que Karl tinha no Ginásio era Edgar von Westphalen. Edgar, que tinha um ano menos que Karl, era filho do barão Ludwig von Westphalen, vizinho da família Marx. Karl passou a freqüentar a casa da família Von Westphalen e se tornou amigo do próprio barão, que com ele mantinha longas conversas.

Se com o pai Karl entrara em contato com os filósofos racionalistas franceses, com o barão Ludwig von Westphalen ele aprendeu a admirar Homero e Shakespeare, admiração que preservou até o fim da sua vida.

O barão Ludwig von Westphalen era conselheiro do Governo Prussiano em Trèves. De um primeiro casamento, tivera quatro filhos, duas mulheres e dois homens, um dos quais — Ferdinand von Westphalen — veio a ser ministro do Interior no governo Manteuffel (ultra-reacionário, diga-se de passagem) entre 1850 e 1855. Do segundo casamento, teve três filhos: um homem (Edgar) e duas mulheres.

Uma dessas duas filhas que o barão teve de sua segunda esposa chamava-se Jenny. Era amiga íntima de Sofia, a irmã mais velha de Karl. Jenny nascera em 1814 e era, por-

tanto, quatro anos mais velha do que Karl; no entanto, ambos iniciaram um romance que haveria de uni-los pelo resto de suas vidas.

Universidade

Quando Karl Marx realizava seu exame final de língua alemã no Ginásio de Trêves, seu professor mandou-o dissertar sobre o tema: "Reflexões de um jovem a propósito da escolha de uma profissão".

Em sua dissertação, Karl desenvolveu — aos dezessete anos — duas idéias que deveriam acompanhá-lo por toda a vida. A primeira era a de que o homem feliz é aquele que faz os outros felizes; a melhor profissão, portanto, deve ser a que proporciona ao homem a oportunidade de trabalhar pela felicidade do maior número de pessoas, isto é, pela humanidade. A segunda era a idéia de que existem sempre obstáculos e dificuldades que fazem com que a vida das pessoas se desenvolva em parte sem que elas tenham condições para determiná-la.

A linguagem em que as duas idéias apareciam na composição juvenil era ingênua, romântica. Porém Karl jamais abandonou a convicção de que era preciso procurar trabalhar sempre da maneira mais eficaz em prol da humanidade. E jamais abandonou a preocupação com as condições sociais que impedem os indivíduos de forjar livremente seus próprios destinos.

No mundo moderno, é particularmente difícil para os jovens a escolha de uma profissão; Marx teve ocasião de verificar por sua própria experiência como essa dificuldade pode ser profunda. Depois de ter completado o curso secundário, seu pai mandou-o estudar em Bonn, que, na épo-

ca, era uma pequena cidade, tal como Trèves; sua Universidade, contudo, tinha mais de setecentos alunos.

Karl Marx estudou na Universidade de Bonn durante os últimos meses de 1835 e boa parte de 1836. Estudou direito, história, filosofia, arte e literatura: muitas matérias o interessavam e ele não sabia em qual se fixar.

Além disso, o ambiente da Universidade de Bonn era marcado por hábitos boêmios. O moço Karl, confuso, querendo abarcar o mundo com as mãos, pôs-se a freqüentar um círculo de poetas e a gastar um tanto prodigamente o dinheiro de seu pai em memoráveis bebedeiras. Uma vez, tomou tamanho pileque e promoveu tal desordem que foi detido por 24 horas na prisão da Universidade (junho de 1836). De outra feita, imbuído do mais ardente espírito romântico, bateu-se em duelo com um jovem aristocrata e saiu com um ligeiro ferimento logo abaixo do olho esquerdo (agosto de 1836).

De volta a Trèves, ficou secretamente noivo de Jenny von Westphalen. As dissipações do ano passado em Bonn e o noivado secreto com Jenny (que lhe foi comunicado confidencialmente) fizeram com que o dr. Heinrich Marx se sentisse bastante preocupado com o futuro de seu filho Karl.

Em outubro de 1836, o dr. Heinrich mandou o filho estudar em Berlim, que era uma grande cidade e contava, já na ocasião, com mais de trezentos mil habitantes. A Universidade de Berlim, por sua vez, na qual Karl se matriculou, se caracterizava por um ambiente mais sério do que o da de Bonn. Sobre ela se projetava a sombra espiritual do maior pensador que o mundo tivera nas décadas precedentes, que ali lecionara e morrera em 1831: Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

A influência de Hegel dominava o meio universitário berlinense. Os discípulos do filósofo se achavam divididos. Uns se prendiam aos elementos conservadores da filosofia hegeliana, à apologia do Estado prussiano, à defesa da ordem constituída: eram os *hegelianos de direita*. Outros pro-

curavam aplicar o método historicista do mestre à análise das questões sociais: eram os *hegelianos de esquerda*.

Karl Marx começou a ser convertido ao hegelianismo de esquerda por um professor chamado Eduardo Gans (que, tal como seu pai, era um judeu convertido ao protestantismo para escapar às medidas anti-semitas). Sob a influência de Gans, Marx planejou escrever um vasto tratado sobre *A filosofia do direito*. Depois de ter escrito cerca de trezentas páginas, porém, abandonou o projeto, considerando-o confuso e equivocado.

Dedicou-se, então, à literatura. Leu o *Laocoon* de Lessing e a *História da arte* de Winkelmann. Escreveu o primeiro ato de um drama (*Oulanem*) e um romance satírico (*Scorpion e Félix*), além de numerosos poemas líricos. Nenhuma das produções literárias desse período — conforme o próprio Marx reconheceu, mais tarde — possui qualquer valor artístico.

Em 1837, Karl abandonou definitivamente a poesia e concentrou o seu esforço no estudo da filosofia. Na época, ele freqüentava um café da Rua dos Franceses, onde se reuniam alguns jovens filósofos, hegelianos de esquerda, que constituíam o “Doktorklub” (Clube dos Doutores). Entre os líderes do “Doktorklub” se achava um — Bruno Bauer — que chegou a lecionar filosofia na Universidade de Bonn e de quem Marx veio a se tornar amigo. Na intenção de vir a tornar-se professor em Bonn, tal como Bruno Bauer, Marx decidiu completar o curso da Universidade de Berlim e dedicar-se ao preparo da sua tese de doutorado.

Diploma

Em março de 1837, para pôr fim à situação falsa criada pelo seu noivado *secreto*, Karl Marx escreveu ao barão Ludwig von Westphalen pedindo a mão de Jenny. Apesar da oposição de Ferdinand von Westphalen (aquele filho do seu primeiro matrimônio que ainda viria a ser ministro de um governo reacionário), o barão acabou por concordar. No final de 1837, o noivado se tornou oficial.

Com a oficialização do noivado, o pai de Karl ficou apreensivo. O dr. Heinrich Marx confiava na inteligência e no caráter de seu filho, mas tinha receio de que lhe faltasse espírito prático para organizar logo sua vida de maneira que pudesse se casar. Pouco antes de morrer (o que ocorreu em 10 de maio de 1838), o dr. Heinrich escreveu o roteiro de um ensaio jurídico no qual defendia a idéia de que, quando a soberania assim o exige, o Estado tem o direito de tomar medidas contrárias à Igreja e aos costumes. O plano do dr. Heinrich era o de *fazer com que Karl, assinando o trabalho, conquistasse as boas graças do governo prussiano e conseguisse um bom emprego*. Karl Marx, entretanto, não aceitou o projeto de seu pai.

O dr. Heinrich era ingênuo ao supor que Karl poderia concordar com o seu plano, porém sua apreensão quanto à rápida preparação para o casamento não era infundada: Karl e Jenny haveriam de ficar noivos durante *mais de sete anos*.

Karl dedicou-se à elaboração de sua tese de doutorado durante os anos de 1838, 39 e 40. Como fora dispen-

sado do serviço militar (em virtude de uma ligeira deficiência cardíaca), sobrava-lhe tempo para ler e ele estudava com afinco as obras de Hegel, Spinoza, Kant, Leibniz, Aristóteles e Epicuro. Sua esperança era a de vir a estabelecer-se como catedrático e garantir uma base econômica que lhe permitisse casar-se. Aconteceu algo que não estava previsto, contudo, e que não lhe possibilitou alcançar o seu objetivo.

Em 1840, morreu Frederico Guilherme III. Os liberais da Prússia se animaram, parecia que as coisas iam melhorar. Mas Frederico Guilherme IV se revelou ainda pior do que o seu antecessor. Sob o novo governo, a filosofia de Hegel passou a ser malvista e os hegelianos de esquerda começaram a ser perseguidos. Para o lugar do professor E. Gans, que morrera, Frederico Guilherme IV designou um velho jurista conservador, fervoroso adepto do regime absolutista: professor Stahl.

Para não ser obrigado a defender a sua tese perante o professor Stahl, Marx desistiu de se doutorar pela Universidade de Berlim e foi bater às portas da Universidade de Iena. Em 15 de abril de 1841, defendeu brilhantemente sua tese e obteve o diploma.

A tese de doutorado de Marx estava dedicada ao seu “caro e paternal amigo” barão Ludwig von Westphalen e estudava *A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*. Era uma tese erudita e original. Embora reconhecesse deficiências na informação científica de que Epicuro dispunha, a tese de Marx louvava-o por ter procurado encontrar um lugar para a liberdade na natureza, opondo-se ao determinismo de Demócrito.

Com a tese, entretanto, Marx não conseguiu resolver o seu problema pessoal, econômico. Não pôde obter a cátedra que pretendia, pois o governo não queria hegelianos de esquerda pontificando nas universidades. E, em lugar de Marx alcançar o posto de professor universitário, como seu amigo Bruno Bauer, foi este quem perdeu o emprego: em outubro de 1841, Bruno Bauer foi proibido de continuar lecionando na Universidade de Bonn.

Jornalismo

Em 3 de março de 1842 morreu o pai de Jenny. Karl Marx se achava, na época, na melancólica situação de professor desempregado e noivo sem meios para se casar.

Seus méritos como intelectual já eram reconhecidos, mas apenas no limitado círculo dos seus amigos. Friedrich Köppen — historiador que fazia parte do Clube dos Doutores — lhe dedicara um livro. Moses Hess, autor de uma *História sagrada da humanidade*, tinha escrito ao romancista Berthold Auerbach uma carta em que falava de Marx como “o maior e talvez mesmo o único filósofo atualmente vivo”. E acrescentava: “Imagina Rousseau, Voltaire, d’Holbach, Lessing, Heine e Hegel não digo somados, porém fundidos em uma só pessoa e terá o dr. Marx”.

Vendo-se impossibilitado de exprimir as suas idéias por uma cátedra de professor universitário, o jovem filósofo resolveu expô-las por intermédio dos jornais. Enviou, então, seu primeiro artigo para *Anais Alemães*, publicação dirigida por seu amigo Arnold Ruge. Era a primeira intervenção de Marx na vida pública. E era um artigo contra a censura. Infelizmente, *Anais Alemães* não pôde publicá-lo, porque a publicação foi impedida... pela censura.

Na impossibilidade de enfrentar a censura em *Anais Alemães*, Ruge enviou o artigo de Marx para publicação em *Anedota*, revista de Zurique. E Marx, por sua vez, passou a escrever para a *Gazeta Renana*, de Colônia, onde voltou a tratar da questão da liberdade de imprensa, para concluir:

“A liberdade número um para a imprensa consiste em não ser ela uma indústria”.

Alguns deputados liberais tinham feito oposição ao fortalecimento da censura na região do Reno, mas tinham-se recusado a admitir qualquer possibilidade de mudança na estrutura da imprensa como indústria. Ora, para Marx, uma vez que a imprensa se deixasse comercializar, perderia sua capacidade de informar com objetividade e criticar com independência, tornando-se impotente para combater a censura como instituição. Por isso, Marx escreveu que aqueles deputados liberais, que haviam defendido a liberdade de imprensa como “uma liberdade comercial qualquer”, tinham acabado por defender a liberdade de imprensa tal como a corda “defende” o pescoço do enforcado.

A colaboração de Marx na *Gazeta Renana* teve tanto sucesso que, em 11 de outubro de 1842, ele se mudou para Colônia e assumiu a direção do jornal!

Sob a direção de Marx, a *Gazeta Renana* aumentou rapidamente sua circulação. Mas a alegria durou pouco. Após um violento artigo contra o absolutismo russo, publicado em janeiro de 1843, o czar Nicolau I pressionou o governo prussiano e este fechou o jornal.

Comunismo

Quando Marx dirigia a *Gazeta Renana*, um jornal de Augsburg acusou a publicação de tender para uma orientação comunista. Replicando à acusação, o diretor da *Gazeta* confessou conhecer mal o comunismo e prometeu estudá-lo em profundidade.

Naquela ocasião, Marx já ouvira falar em Saint-Simon. O barão Ludwig von Westphalen e o professor Gans lhe tinham falado com simpatia a respeito desse socialista utópico, que via no desenvolvimento da indústria o meio de promover automaticamente a felicidade dos operários. Marx sabia, também, da existência de outros socialistas utópicos, ingênuos e generosos: Fourier, Considerant etc. Tinha lido, igualmente, alguma coisa de Proudhon e ficara impressionado. E mais: em sua terra natal vivera durante algum tempo um advogado chamado Ludwig Gall, filho de camponeses, que pregara o socialismo. Por isso, o assunto não era novidade para ele.

Agora, porém, as circunstâncias da sua atividade política como diretor de um jornal exigiam que a questão do comunismo e da reestruturação da sociedade fosse mais bem examinada.

Uma das campanhas da *Gazeta Renana* foi feita em defesa dos camponeses pobres do sul do Reno, que eram levados pela miséria a roubar madeira. Marx esforçou-se em vão para mostrar que as autoridades do Estado, mancomunadas com os grandes proprietários, se limitavam às medidas punitivas, sem ir até o fundo do problema e, portanto,

sem poder solucioná-lo. A experiência ensinou-lhe que a questão social não podia ser resolvida por meios puramente jurídicos.

Por outro lado, animados com as posições liberais e progressistas da *Gazeta Renana*, alguns jovens de Berlim mandavam para o jornal artigos pontilhados de vibrantes tiradas comunistas. Marx, porém, considerava os artigos superficiais e demagógicos. Um dia, chamou o líder dos moços berlínenses — um certo Meyen — e disse-lhe, com franqueza, que considerava “inadequado, e até mesmo imoral, impingir de passagem, como contrabando, em críticas de teatro etc., os dogmas comunistas e socialistas, isto é, ideologias novas”. Disse-lhe mais, que, a seu ver, “era preciso tratar do comunismo de outro modo, de maneira mais fundamentada”.

Meyen não gostou e os moços socialistas de Berlim romperam relações com o jovem diretor da *Gazeta Renana*. Marx, no entanto, ficou com aquela idéia na cabeça: havia de examinar mais a fundo a doutrina do comunismo.

Proletariado

O fechamento da *Gazeta Renana* não levou Marx a desistir do jornalismo: apenas convenceu-o de que na Alemanha (na Prússia) não existiam condições para ele levar adiante o trabalho que pretendia realizar.

Marx combinou com seu amigo Arnold Ruge, então, a fundação de uma nova revista a ser editada no exterior. Depois de terem organizado a empresa e firmado contrato, Marx, como redator-chefe da publicação (*Anais Franco-Alemães*), casou-se — finalmente! — com Jenny von Westphalen, em junho de 1843.

Em outubro desse ano, o casal se mudou para Paris, onde iam ser editados os *Anais*. E Paris foi o lugar onde Marx conheceu o grande poeta alemão Heinrich Heine, de quem se tornou amigo.

Nessa época, Marx interessava-se cada vez mais pelos problemas políticos: lia Rousseau, Montesquieu e Maquiavel. Aos poucos, ia sentindo a necessidade de corrigir a dialética idealista de Hegel com o materialismo do filósofo Feuerbach. Mas Feuerbach tinha uma visão *contemplativa* e não uma visão *ativa* da questão política. Marx escreveu a Ruge: “O único ponto em que divirjo de Feuerbach é que, a meu ver, ele dá importância de mais à natureza e importância de menos à política. Ora, atualmente, a filosofia só pode se realizar aliando-se à política”.

Por outro lado, foi em Paris que Marx teve oportunidade de entrar em contato com o movimento socialista dos operários franceses. E esse contato com trabalhadores coleti-

vamente dedicados à luta política pela transformação da sociedade impressionou-o profundamente.

Enquanto preparava a edição do primeiro número de *Anais Franco-Alemães*, Marx escreveu uma *Introdução à crítica da filosofia do direito* de Hegel, na qual mostrava que as considerações teóricas de Hegel sobre o direito eram *inócuas*, porque não indicavam os meios práticos, materiais e sociais capazes de levar à efetiva superação dos problemas humanos que elas abordavam.

“O poder material — dizia Marx — só pode ser vencido pelo poder material.” E, aos que pudessem perguntar se as idéias por acaso não teriam valor algum, ele respondia antecipadamente: “A teoria também se transforma em uma força material quando se apodera das massas”.

As massas capazes de, no nosso tempo, promoverem a mudança da ordem social, econômica e jurídica — assinava Marx — são as massas proletárias. A filosofia pôs a nu a desumanidade do mundo presente. Feuerbach mostrou que a religião é uma solução ilusória, uma alienação. No entanto, a filosofia se revelou impotente para, por si mesma, superar a desumanidade e acabar com a alienação. Marx chegou à conclusão de que a filosofia precisava dispor de uma arma material capaz de fazer prevalecer, prática e socialmente, o ideal do humanismo. E chegou também à conclusão de que essa arma, nas condições da sociedade atual, é o proletariado.

Religião

No final de fevereiro de 1844, apareceu em Paris o primeiro e único número de *Anais Franco-Alemães*. Além da *crítica à filosofia do direito* de Hegel, a revista continha outro trabalho de Marx: *Sobre a questão judia*.

Bruno Bauer havia escrito um artigo a respeito da questão judia, à qual Marx, por sua origem, não podia ser indiferente. Resolveu, então, ao comentar o artigo de seu amigo, dar sua própria opinião sobre o assunto.

Bruno Bauer achava que os judeus eram egoístas quando se preocupavam exclusivamente com a luta pela conquista da liberdade religiosa, com o objetivo limitado de poderem praticar livremente a religião tradicional deles. Sendo homens — observava Bauer — os judeus não deviam perder tempo lutando pela libertação religiosa deles em particular: deviam lutar pela libertação política do gênero humano em geral.

Marx achou interessante a observação de Bruno Bauer, mas assinalou que ele, para ser coerente, devia ser mais radical: “A emancipação política não é, ainda, a emancipação humana”. A verdadeira emancipação humana, segundo Marx, exige a transformação não apenas das leis mas do sistema social de produção e distribuição das riquezas. A liberdade política depende, em última análise, da liberdade econômica. O ser humano só será verdadeiramente livre quando todos os homens puderem desenvolver uma atividade criadora que não esteja sujeita às pressões deformadoras da propriedade privada e do dinheiro.

Tanto o judaísmo como o cristianismo, explicava Marx, são frutos da sociedade dividida em classes: são ideologias impotentes para combater a exploração do homem pelo homem. As religiões, em geral, são um protesto contra a vida insatisfatória que é dada aos homens. Porém a religião é uma ideologia impotente para orientar, na prática, a luta pela transformação do mundo, a luta pela superação das instituições baseadas na propriedade privada. Por isso, as religiões funcionam como o ópio do povo, pregando o conformismo e a resignação.

No entanto, o judaísmo e o cristianismo não existem por acaso: essas duas religiões refletem a situação em que se encontra o mundo. Se quisermos libertar o homem de suas ilusões religiosas, precisamos mudar o mundo que tornou necessárias essas ilusões. Não adianta combater o efeito sem modificar a causa. Bruno Bauer achava que a superação das religiões seria atingida quando todos os homens tivessem direitos iguais e a lei garantisse a liberdade *política* dos cidadãos. Marx entendeu que a mudança precisava ser mais profunda: precisava atingir a estrutura *social e econômica* da sociedade.

Economia

Depois de ter estudado a filosofia alemã e de ter entrado em contato com o movimento socialista dos trabalhadores franceses, Marx se pôs a estudar com afinco a economia política inglesa. Leu Adam Smith, David Ricardo, James Mill e outros. A Inglaterra era, então, o país onde o sistema capitalista se achava mais desenvolvido: Marx começou a analisar minuciosamente o seu funcionamento.

Nessa época, para esclarecer suas idéias, ia anotando em folhas soltas suas reflexões a respeito dos autores que estudava e dos fatos que observava. Essas anotações não eram feitas para publicação e só foram publicadas em 1931, com o título de *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*.

Quando os *Manuscritos* estavam sendo redigidos, a situação pessoal de Marx não era das mais animadoras: a revista editada por ele e por Ruge fora proibida na Alemanha e mais de trezentos exemplares dela haviam sido apreendidos pela polícia prussiana ao tentarem penetrar no país. Além disso, assustado com a radicalização que se processava no pensamento de Marx, Ruge desistira de continuar editando *Anais Franco-Alemães* e acabara até por romper relações com seu companheiro.

Marx estabeleceu ligação com os diretores de uma outra publicação alemã, que saía regularmente em Paris — o *Vorwaerts* — e passou a escrever para ela. Enquanto isso, ia redigindo as notas que mais tarde viriam a ser conhecidas como os *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844* e nas quais desenvolvia a sua *teoria da alienação*.

Alienação

Para Marx, o homem é o primeiro ser que conquistou certa liberdade de movimentos em face da natureza. Por meio dos instintos e das forças naturais em geral, a natureza dita aos animais o comportamento que eles devem ter para sobreviver. O homem, entretanto, graças ao seu trabalho, conseguiu dominar, em certa medida, as forças da natureza, colocando-as a seu serviço.

Os animais também trabalham e produzem, mas só trabalham para atender a exigências práticas imediatas, só produzem para atender a exigências materiais diretas deles mesmos ou de seus filhotes. Os animais nunca podem ser livres ao trabalhar, pois a atividade deles é determinada unicamente pelo instinto ou pela experiência limitada que podem ter.

Já com o homem é diferente. Antes de realizar o seu trabalho, o homem é capaz de *projetá-lo*, ou seja, é capaz de figurar na sua cabeça diversos caminhos possíveis para alcançar o seu objetivo, *escolher* livremente o caminho que lhe parecer melhor e procurar segui-lo.

Justamente porque o trabalho humano pode ser diferente do trabalho dos animais é que o homem *modifica* a natureza de acordo com a sua vontade e as suas possibilidades. Para aumentar o seu poder sobre a natureza, o homem passa a utilizar *instrumentos*, acrescenta meios artificiais de ação aos meios naturais de seu organismo. E, com isso, a capacidade do trabalho humano de transformar o mundo e de transformar o próprio homem se multiplica enormemente.

O desenvolvimento do trabalho criador aparece, assim, aos olhos de Marx, como uma condição necessária para que o homem seja cada vez mais livre, mais humano, mais dono de si próprio. Marx verifica, contudo, que no mundo atual o trabalho humano assumiu características desumanas: os trabalhadores — os homens que produzem os bens materiais indispensáveis à vida — não se realizam como seres humanos nas atividades deles. Ao contrário, na indústria moderna do capitalismo o trabalho é odiado pelos trabalhadores, que o encaram como uma obrigação imbecilizadora, como uma atividade que lhes é imposta e os oprime, reduzindo-os a bestas de carga.

O trabalho é a mola do progresso, é a grande fonte das riquezas. Mas os trabalhadores vêem que o progresso beneficia a seus patrões (e não a eles), e percebem que a riqueza se concentra sobretudo nas mãos dos que já são ricos.

No sistema atual, assinala Marx, o trabalhador produz bens que não lhe pertencem e cujo destino, depois de prontos, escapa ao seu controle. O trabalhador, assim, não pode se *reconhecer* no produto do seu trabalho, não pode encarar aquilo que criou como fruto da sua livre atividade criadora, pois se trata de uma coisa que para ele não terá utilidade alguma. A criação (o produto), uma vez que não pertence ao criador (ao operário), se apresenta diante dele como um ser estranho, uma coisa hostil, e não como o resultado normal da sua atividade e do seu poder de modificar livremente a natureza.

Por outro lado, diz Marx, se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador e até se defronta com ele como uma força estranha, isso só pode acontecer porque tal produto *pertence a outro homem que não o trabalhador*. E quem é esse outro homem que se apropria do fruto do trabalho do operário? Responde Marx: é o capitalista.

O capitalista é o proprietário das fábricas, dos meios materiais necessários à produção, no sistema industrial moderno. O trabalhador nada possui a não ser a sua força de trabalho individual. Desse modo, para poder trabalhar, o

trabalhador é forçado a vender a sua força de trabalho ao capitalista; e essa venda se dá em condições vantajosas para o capitalista e desvantajosas para o operário, já que este tem mais urgência de vender a sua força de trabalho (para poder comer) do que o capitalista de comprá-la (para movimentar suas máquinas e obter lucros).

Marx chamou de *alienação do trabalho* precisamente esse fenômeno pelo qual o trabalhador, desenvolvendo a sua atividade criadora em condições que lhe são impostas pela divisão da sociedade em classes, é sacrificado ao produto do trabalho. Para Marx, os regimes baseados na propriedade privada dos meios sociais de produção — sobretudo o capitalismo — tendem a transformar o homem num mero meio para a produção da riqueza particular (simbolizada pelo *dinheiro*). Em lugar do produto ser criado livremente pelo produtor, é o produtor que fica subordinado às exigências do produto, às exigências do mercado capitalista onde o produto vai ser vendido.

Sendo o trabalho, por sua vez, a atividade fundamental da livre criação do homem por si mesmo (isto é, da *humanização*), segundo o ponto de vista marxista, é natural que a corrupção da atividade criadora, a *alienação do trabalho*, acarrete efeitos que atingem a todas as classes em geral. Assim, embora se aproveitem da alienação do trabalho do operário, os capitalistas também sofrem as conseqüências desumanizadoras da divisão social do trabalho, quer dizer, do sistema que engendra o fenômeno. Se o operário se aliena em sua atividade produtiva, a verdade é que o capitalista se aliena em sua *atividade improdutiva*.

Na medida em que não tem a experiência cotidiana do trabalho produtivo, o capitalista passa a desconhecer todas as suas potencialidades criadoras como ser humano e deixa de se desenvolver humanamente em sua plenitude. A alienação que afeta o trabalhador na prática afeta os indivíduos da classe dominante em sua maneira de pensar, em seu modo de compreender as coisas. Por isso, tais indivíduos criam instituições, símbolos etc., e os impõem a toda

a sociedade, alegando que são da conveniência universal (embora sirvam para manter a ordem social que lhes convém): mas, a partir de certo ponto, as instituições e símbolos criados por eles lhes escapam ao controle e parecem ganhar vida própria, tornam-se coisas aparentemente estranhas e hostis, de maneira que, tal como acontece com o produto do trabalho do operário, a criação dos capitalistas também se *aliena* deles, e não permite que se reconheçam claramente nela.

Para ter um exemplo dessa *alienação* dos capitalistas basta pensar no mercado capitalista. Os capitalistas criaram o mercado para a venda de seus produtos. Como, porém, estão divididos e competem uns com os outros, os capitalistas jamais conseguem controlar o mercado em conjunto: este fica sujeito a movimentos surpreendentes e desequilibrados, capazes de levar qualquer capitalista individual à falência. Por isso, os capitalistas, individualmente considerados, encaram o mercado criado pela sua classe como uma realidade estranha e temível, em função da qual eles são obrigados a viver.

Engels

Os *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844* constituem a última expressão do pensamento de Marx antes do início de sua fecunda e constante colaboração com Friedrich Engels.

Engels era dois anos mais novo que Marx. Tal como Marx, Engels era natural da Prússia Renana, onde nascera em 28 de novembro de 1820. Só que a cidade natal de Engels — Barmen — estava situada em uma região mais industrializada do que aquela onde ficava Trêves.

Engels era filho de um industrial rico, muito religioso e conservador, que se esforçou bastante por inculcar no herdeiro os seus próprios princípios. Já aos dezenove anos, contudo, Engels se rebelara contra os pontos de vista de seu pai e começava a publicar no jornal *Telégrafo para a Alemanha* artigos de conteúdo liberal e democrático. (Para evitar um agravamento do conflito dentro de casa, assinava os artigos com o pseudônimo de Friedrich Oswald.)

Num desses artigos de juventude, publicado em 1839, Engels chegava mesmo a assinalar que, a seu ver, havia uma ligação entre os interesses de classe e a religião puritana de seu pai: “É fato que, entre os industriais, são os de religião puritana que tratam pior os operários, diminuindo de todos os modos o salário deles, a pretexto de não lhes deixar para se embriagarem”.

Engels possuía talentos muito diversos e, aos vinte anos, desenvolvia múltiplas atividades: praticava esportes, dedicava-se à música (era entusiasmado por Beethoven) e es-

tudava línguas estrangeiras, entre as quais o inglês, o italiano, o espanhol e até o português. Lia Goethe, traduzia Shelley e compunha numerosos poemas (um pouco menos ruins do que os de Marx). Da mesma forma que Marx, teve o seu período boêmio e também chegou romanticamente a se bater em um duelo.

Entre as leituras que o ajudaram a se libertar dos preconceitos que o pai procurara lhe inculcar, foram importantes para Engels as de David Frederico Strauss (*A vida de Jesus*) e de Feuerbach (*A essência do cristianismo*). Mas a influência filosófica que o marcou mais profundamente em sua mocidade — tal como tinha acontecido com Marx — foi a de Hegel.

Quando o governo ultra-reacionário de Frederico Guilherme IV convocou o velho Schelling para combater a influência de Hegel no meio universitário berlinense, o jovem Engels — que, então, se achava em Berlim, como fervoroso adepto do *hegelianismo de esquerda* — escreveu e publicou dois panfletos contra Schelling.

Em novembro de 1842, após a sua temporada berlinense, Engels se dirigia à Inglaterra e, de passagem, fez uma visita à redação da *Gazeta Renana*, em Colônia. Ali, ficou conhecendo pessoalmente Karl Marx, o diretor da publicação. Marx, porém, não o recebeu com muita cordialidade, pois desconfiava das ligações de Engels com o grupo comunista de Meyen, em Berlim, e não apreciava o referido grupo.

Posteriormente, Engels enviou dois trabalhos de sua autoria para *Anais Franco-Alemães* e Marx, como redator-chefe da revista, publicou-os no único número dela que chegou a sair.

Só em Paris, nos últimos meses de 1844, é que Marx e Engels voltaram a ter um encontro pessoal. Nessa época, Engels acabara de redigir um estudo sobre *A situação das classes trabalhadoras na Inglaterra*. Aproveitando a colaboração que era obrigado a prestar a seu pai nos seus negócios, Engels analisara detidamente, na Inglaterra, o funcionamento

do sistema capitalista, sua economia, seus resultados. Ao chegar a Paris, trazia consigo experiências e informações que interessaram vivamente a Marx.

A partir de então, estabeleceu-se entre os dois uma amizade que durou enquanto eles viveram e deu origem a numerosos trabalhos realizados em comum.

Paris

Em Paris, Marx foi convidado para ingressar em diversas sociedades secretas de comunistas, mas sempre se recusou a fazê-lo, pois acreditava que não era razoável desperdiçar tempo e energia em atividades conspiratórias, de pequenas seitas, quando o essencial era organizar e mobilizar as amplas massas populares para que elas próprias promovessem a transformação da sociedade.

Marx achava que era necessário procurar *unir* os revolucionários em torno de posições justas. Mas os círculos revolucionários de Paris estavam divididos em numerosos grupos e facções.

Saint-Simon morrera em 1825. Seus discípulos continuavam em atividade. Porém Marx chegou à conclusão de que eles eram “meio apóstolos, meio escroques”.

Charles Fourier morrera em 1837. Seus seguidores preocupavam-se menos com a organização das massas trabalhadoras do que com o planejamento de *falanstérios* onde as cozinhas tivessem abundância de açúcar, onde não existissem correntes de ar e onde os indivíduos reaprendessem a praticar a solidariedade humana.

Louis Blanc liderava um grupo de socialistas muito preocupados em não se incompatibilizar definitivamente com a burguesia. Movia-os a convicção de que, pela participação no jogo político “de cúpula”, seria possível ir arrancando gradualmente, com habilidade, concessões que levassem as classes dominantes a aceitar uma ordem social mais humana.

Mikhail Bakunin, emigrado russo dotado de grande simpatia pessoal, oscilava entre concepções confusas e variáveis, que o seu ideal anarquista não conseguia sintetizar em um eficiente programa de ação.

Pierre Joseph Proudhon, ex-linotipista, adepto de reformas econômicas “racionais” e pacíficas, era hostil à “agitação comunista” e se mantinha retraído em face das atividades políticas. Marx esforçou-se inutilmente por fazê-lo compreender o método dialético de Hegel, que abria caminho para que todas as coisas fossem encaradas como fenômenos históricos e fossem analisadas de acordo com as ligações que mantinham umas com as outras.

Etienne Cabet (autor de um “romance filosófico” intitulado *Viagem à Icária*) era um ingênuo: aderira ao comunismo sob a influência da leitura da *Utopia* de Thomas Morus — obra escrita em 1516!

Com nenhum deles Marx conseguia estabelecer uma sólida base de entendimento. O único vulto revolucionário expressivo com o qual lhe foi possível encontrar uma autêntica afinidade de idéias, em Paris, naquele ano de 1844, foi de fato Engels.

Também, com Engels, a concordância de pontos de vista foi tão completa que Marx se entusiasmou: convidou-o para escreverem juntos um trabalho.

Desde há algum tempo, Bruno Bauer — de quem Marx havia sido amigo — tinha formado uma “panelinha” em torno da *Gazeta Literária Geral*, revista editada em Charlotemburgo, e vinha professando um aristocrático desprezo pelas multidões, ridicularizando os esforços dos revolucionários que procuravam fazer uma política de massas. Marx e Engels redigiram, então, o polêmico livro *A sagrada família*, com o subtítulo esclarecedor: “Contra Bruno Bauer e consortes”.

Dialética

Quando Hegel morreu, em 1831, Marx ainda era uma criança. Por isso, Marx, pessoalmente, nunca teve oportunidade de assistir às aulas de Hegel na Universidade de Berlim.

O ambiente em que Marx completou a sua formação universitária, contudo, se achava impregnado de hegelianismo. As concepções do autor d'*A fenomenologia do espírito* estavam presentes nas discussões dos estudantes e influíram fortemente na reflexão dos universitários.

Marx aprendeu com Hegel, pela leitura dos seus livros, que na lógica formal a contradição é sempre a manifestação de um defeito. Aprendeu, também, que a lógica formal tem seus limites de validade e que nem todos os problemas da existência humana estão sob a jurisdição da lógica formal.

Na vida, a contradição desempenha um papel muito diferente do que na lógica formal. Na vida, a contradição não é mera manifestação de um defeito: é uma realidade que não se pode suprimir. Determinadas contradições surgem, outras desaparecem (são superadas), mas há sempre algumas contradições pendentes de solução.

Empregando abusivamente os princípios da lógica formal, alguns filósofos insistiam em estudar as relações entre as coisas como se as coisas, na sua própria essência, fossem eternamente paradas. Esses filósofos — que Marx chamou de *metafísicos* — não reconheciam o movimento dos seres como uma alteração constante da *qualidade* deles, não re-

conheciam o movimento como uma mudança tanto da sua situação como da sua essência.

Para as concepções metafísicas, o movimento era apenas uma modificação *quantitativa*, que se realizava na *superfície* da realidade.

Em oposição à metafísica, Hegel ensinou que as coisas estão sempre mudando, que a vida é essencialmente movimento, que não há movimento sem contradição, que o movimento transformador de todas as coisas faz com que, na história da humanidade, ao contrário do que afirmava o *Eclesiastes*, haja sempre alguma coisa de novo sob o sol.

Os filósofos metafísicos procuravam primeiro analisar cada ser e cada coisa, separadamente, para depois tratar de levar em conta as relações entre os seres, entre as coisas. Hegel, todavia, com o seu método dialético, ensinou que os seres e as coisas existem em permanente mudança, entrosados uns com os outros, e que só é possível compreendê-los se desde o início forem devidamente consideradas as suas ligações recíprocas.

Marx utilizou à sua maneira o método de Hegel. Modificando-o, substancialmente, aplicou-o à análise da evolução social da humanidade. E chegou a conclusões altamente revolucionárias.

Para Marx, a vida, na sociedade capitalista, apresenta numerosas contradições. A principal delas, porém, aquela que afeta de maneira mais constante e socialmente mais decisiva a existência dos indivíduos, é a contradição entre o trabalho e o capital, quer dizer, entre o proletariado e a burguesia. E a direção necessária à superação dessa contradição essencial da sociedade capitalista — segundo Marx — é a da ascensão revolucionária da classe operária, com a criação da sociedade socialista.

O grupo de Bruno Bauer se compunha de pessoas que, tal como Marx, tinham sofrido a influência de Hegel. Mas nem por isso Bruno Bauer e seus companheiros concordaram com as posições de Marx: acabaram acusando-o de transformar o proletariado em uma classe de *deuses*, atri-

buindo-lhe um papel messiânico. Em *A sagrada família* (que acabou sendo escrita na maior parte por Marx e à qual Engels deu apenas uns poucos capítulos), Marx se defendeu dessa acusação. Escreveu que tinha plena consciência das debilidades atuais dos operários, mas asseverou que a meta e a ação histórica do proletariado lhe eram impostas por sua situação de vida e pelo lugar que lhe cabia no interior da organização capitalista da sociedade. “O proletariado”, disse Marx, “apenas executa a sentença que a propriedade privada pronunciou contra ela mesma quando o criou”.

Marx, aliás, não se limitou a defender-se da acusação de *endeusar* o proletariado: passou à ofensiva. Acusou Bruno Bauer, Edgar Bauer e Egbert Bauer — a “Sagrada Família” — de se prenderem ao aspecto superado da filosofia de Hegel: o seu sentido puramente especulativo, o seu caráter abstrato, idealista. Sendo filósofos *“de gabinete”*, e pertencendo a uma classe acentuadamente *ociosa*, os irmãos Bauer perdiam de vista as implicações práticas do método dialético.

Materialismo

Os irmãos Bauer não queriam se comprometer com nenhum movimento prático, político: queriam ser exclusivamente críticos, isto é, “críticos-críticos”. Por isso, Marx chamou *A sagrada família* de “crítica da crítica-crítica”.

Bruno Bauer, seus irmãos e seus companheiros da *Gazeta Literária Geral* tinham uma concepção aristocrática da história. Para eles, as massas populares não possuíam movimento próprio e se caracterizavam pela inércia. O movimento da história era determinado pelas idéias dos indivíduos mais inteligentes, pertencentes à elite intelectual.

Bauer encarava a evolução da humanidade como se Deus tivesse pronto, dentro da cabeça d’Ele, um esquema racional perfeito, utilizando a história apenas como pretexto para demonstrá-lo. Por isso Bauer supunha que — sem precisar se envolver com as atribuições da política e sem sair da sua posição *contemplativa* — lhe bastava deduzir o esquema racional perfeito que se achava pronto na cabeça de Deus e apresentá-lo aos homens da “elite” para que o mundo entrasse nos eixos.

Marx chamou a atenção do seu antigo companheiro do Clube dos Doutores para o fato de que as idéias nunca podem, por si mesmas, superar um determinado estado de coisas: podem apenas superar as idéias desse estado de coisas. Idéias superam idéias e não, automaticamente, situações materiais. “As idéias nunca podem realizar nada”, assinalou Marx, “pois para a realização das idéias é preciso que os homens ponham em ação uma força prática”.

Como filósofo “de gabinete”, Bauer conhecia mal o trabalho material e imaginava que a única atividade realmente criadora e produtiva dos seres humanos fosse o pensamento. Para Marx, entretanto, o pensamento está ligado à prática, e é no uso social que ele prova a sua eficácia, a sua qualidade!

Pela dura experiência do trabalho, os operários aprendem que o mundo se muda mesmo *é na prática*. E aprendem que a história pode promover mudanças tanto mais profundas quanto maior for a participação das amplas massas populares nas ações históricas.

Marx assinalou que os filósofos materialistas do passado estavam no bom caminho quando chamavam a atenção da humanidade para a importância das circunstâncias exteriores e para o papel educador que a vida prática tem para os indivíduos. Os materialistas — observou Marx — abriam caminho para o socialismo, para a concepção capaz de atender aos verdadeiros interesses das massas populares e capaz de combater a tendência aristocrática do *idealismo*.

O *idealismo* propõe a mudança do mundo pela transformação *interior* dos espíritos “de elite”. O materialismo, na filosofia, sempre indicou outra direção: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, o que é preciso é formar as circunstâncias humanamente.”¹

Bruxelas

Por intermédio de seu trabalho no *Vorwaerts*, Marx ganhava o suficiente para sobreviver, como jornalista pobre, em Paris. No *Vorwaerts*, ele publicou, aliás, um artigo que precipitou o rompimento de suas relações pessoais com Ruge: era um artigo elogiando a trágica rebelião dos tecelões da Silésia, ocorrida em junho de 1844, a qual Ruge havia considerado “negativa”. Ruge enfureceu-se com o artigo de Marx e escreveu, em carta a um amigo, que Marx não passava de “um judeu sujo”.

Mas o desentendimento entre Marx e Ruge não afetou a vida do *Vorwaerts* como havia afetado a de *Anais Franco-Alemães*: o *Vorwaerts* ia de vento em popa. E quem não estava nada satisfeito com isso era o governo prussiano. Frederico Guilherme IV pressionou, então, o governo francês. Guizot — que, na época, era ministro do Interior da França — acabou por determinar que os principais colaboradores do *Vorwaerts* (entre os quais Heine, Bakunin e Marx)¹ fossem expulsos do país.

Em fevereiro de 1845, por conseguinte, Marx foi obrigado a sair de Paris e a se instalar com sua família em Bruxelas, onde veio a permanecer até 1848. A imprensa francesa de orientação liberal protestou contra a expulsão.

Para poder ficar em Bruxelas, Marx teve de assinar um documento em que se comprometia com o governo belga a não publicar lá quaisquer artigos sobre a atualidade política, nacional ou internacional.

Prática

Em Bruxelas, Marx refletiu a respeito dos limites do materialismo. Quando se tratava de combater o *idealismo* especulativo dos hegelianos do tipo de Bruno Bauer, Marx utilizara as doutrinas materialistas e indicara o conteúdo social *progressista* delas. Agora, porém, aprofundando o seu exame, chegava à conclusão de que o materialismo, até em Feuerbach, estava prejudicado por algumas deficiências básicas.

Para precisar suas novas idéias, Marx redigiu, primeiro, suas famosas onze *Teses sobre Feuerbach*. E, depois, em parceria com Engels, redigiu (de setembro de 1845 a maio de 1846) *A ideologia alemã*.⁷

Segundo Marx, o materialismo descrevia de maneira errada o processo mediante o qual o homem apreende o mundo exterior em sua consciência, quer dizer, descrevia mal o processo do conhecimento. Os materialistas figuravam a consciência humana como uma espécie de registrador de impressões provenientes do mundo exterior.

Analisando a reação dos indivíduos humanos como seres biológicos e não como seres *sociais*, os materialistas tendiam sempre a apresentar o processo de formação da consciência como um processo mecânico, no qual os indivíduos apareciam como meros produtos do meio!

De acordo com Marx, entretanto, o indivíduo não deve ser concebido fora do quadro das suas relações com os outros indivíduos, isto é, fora do quadro da vida social. E a vida social é eminentemente prática. Os homens existem em constante atividade. Dentro dos limites estabelecidos pelas

circunstâncias que lhes são impostas, os homens estão sempre produzindo as circunstâncias novas que lhes convêm. x "As circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que este faz as circunstâncias." O ser humano não existe, em geral, numa situação de contemplação; seu modo normal de existir é o de uma contínua intervenção ativa no mundo.

O processo do conhecimento só pode ser devidamente entendido, em sua verdadeira natureza, quando relacionado com essa contínua intervenção ativa dos homens no mundo. Não é verdade que exista de um lado o mundo e de outro a consciência; e não é verdade que o papel da consciência se limite ao recolhimento e à interpretação de elementos provenientes do mundo exterior.

Em última análise, a validade do conhecimento não pode ser medida em um plano puramente teórico, que se abstraia completamente da vida prática. O conhecimento é um momento necessário da transformação do mundo pelo homem e da transformação do homem por ele mesmo. A tarefa de interpretar o mundo faz parte da tarefa maior de modificá-lo/

Por viverem, em geral, numa atitude *contemplativa*, os filósofos deixaram de lado a *modificação* (quer dizer, as consequências práticas da interpretação) e foram levados a crer que as teorias filosóficas não tinham nada a ver com a produção econômica e as lutas políticas da história da humanidade. A teoria foi, assim, *destacada* da atividade prática; foi considerada *independente* da prática.

Para Marx, os comunistas modernos não podiam aceitar que a reflexão teórica fosse uma atividade sem ligação com a prática, nem podiam fazer como os antigos materialistas, que não reconheciam *nenhuma autonomia* ao pensamento, reduzindo a consciência a um *mero produto passivo de condições exteriores*. Tratava-se, pois, de elaborar para os comunistas modernos uma nova concepção, que Marx chamou de materialista prática.

Ideologia

A primeira tarefa com que se defrontou o novo *materialismo prático* foi a de explicar o mecanismo da formação das *ideologias*. Marx e Engels procuraram se desincumbir dessa tarefa no livro intitulado *A ideologia alemã*.

Todos os homens, no curso de suas vidas, adotam e utilizam determinadas formas de representação da realidade, determinadas maneiras particulares de encarar o mundo e a vida. À base dessas maneiras de avaliar as coisas, os seres humanos criam suas escalas de valores: convencem-se do *que* devem esperar da vida, de *como* devem viver e de *quais* são os objetivos que devem perseguir com prioridade em suas respectivas existências.

O conjunto dessas formas de representação da realidade e dessas normas que os indivíduos proclamam ou praticam em seus comportamentos é que constitui a ideologia.

Para explicar a formação das ideologias, Marx e Engels lembraram o que teria ocorrido nos primeiros momentos da história da humanidade. Enquanto o homem era menos *humano* do que propriamente *animal*, o que acontecia? Os nossos antepassados mais antigos não *produziam* seus meios de subsistência: limitavam-se a consumir aquilo que a natureza lhes oferecia já pronto para o consumo. A economia dos homens primitivos era, pois, puramente coletora, predatória. Os bandos de homens primitivos chegavam a uma região onde havia alimentos, comiam esses alimentos e posteriormente iam embora, em busca de outras regiões, onde existissem novos alimentos.

O homem primitivo se guiava por seus instintos, por suas necessidades imediatas. Era a natureza que comandava os seus movimentos: ele fazia o que a natureza exigia.

Quando desenvolveu uma determinada capacidade de modificar a natureza pelo seu trabalho, entretanto, o ser humano adquiriu certa independência em face da natureza. E passou a *produzir* seus meios de subsistência, quer dizer, criou para a sua comodidade uma economia *produtora*.

Ocorre, porém, que o desenvolvimento do trabalho não teve apenas conseqüências positivas. Teve, também, uma conseqüência negativa, trágica: a escravidão. Antes, na época em que o trabalho ainda não se tinha desenvolvido, a escravidão não compensava. Para manter um escravo, o que o proprietário precisava gastar com a comida (para evitar que o escravo morresse de fome), com as roupas (para evitar que o escravo morresse de frio) e com a vigilância (para evitar que o escravo fugisse) era praticamente mais do que o escravo conseguia produzir.

Depois que o trabalho humano se desenvolveu, todavia, a escravidão passou a valer a pena. E, com a exploração do trabalho escravo, apareceram a primeira forma de *divisão social do trabalho* e a primeira forma de *propriedade privada* de uma fonte de produção. "Divisão social do trabalho e propriedade privada", escreveram Marx e Engels, "são termos idênticos; um diz, em relação à escravidão, a mesma coisa que o outro diz em relação ao produto dela."

A partir da divisão social do trabalho, desapareceu a possibilidade de se desenvolver um ponto de vista universal, *espontaneamente comum a todos os homens*. As conveniências dos indivíduos pertencentes às classes dominantes — que exploravam o trabalho alheio — fizeram com que eles fossem levados a acreditar que o seu ponto de vista *particular* era a expressão natural, automática, do ponto de vista *universal* conveniente a todos os homens.

As classes dominantes, ao governar a sociedade dividida, utilizam o aparelho do Estado para inculcar nos indivíduos das classes exploradas a ideologia que serve para

justificar a exploração. Ou, no melhor dos casos, a ideologia que prejudica qualquer ação eficaz contra o sistema que convém aos exploradores. "As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes. Ou, dito em outros termos, a classe que exerce o poder *material* dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante."

O poder da classe dominante nem sempre consegue se exercer sem resistência. Às vezes, uma nova classe se eleva e contesta a legitimidade da organização vigente. A existência de autênticas idéias revolucionárias propagadas no interior de uma sociedade só é possível, aliás, quando já existe uma classe revolucionária atuando dentro dela.

Até hoje, tanto as ideologias das classes dominantes como as ideologias das classes que têm conseguido se levantar contra a dominação a que são submetidas têm sido formas *unilaterais* de representação da realidade na consciência dos homens.

A consciência de tipo ideológico, por estar ligada à divisão da sociedade em classes, não tem conseguido exprimir plenamente um ponto de vista autenticamente universal, próprio da *comunidade humana*.

Em nosso tempo, contudo, o sistema capitalista, promovendo um extraordinário desenvolvimento tecnológico, impulsionando o trabalho humano a níveis altíssimos de produtividade, e criando o proletariado industrial, estabeleceu as premissas necessárias para uma superação desse estado de coisas. Em sua ascensão, o proletariado prepara a instauração de uma nova sociedade, na qual a propriedade privada e a divisão social do trabalho tendem a se extinguir.

Por isso, na medida em que o proletariado antecipa, em seu movimento, aspectos da comunidade humana reunificada do futuro, sua concepção do mundo — o *materialismo prático* — já apresenta elementos em que se nota a superação da unilateralidade deformadora que tem limitado o alcance das ideologias do passado.

Polêmicas

~~/De 1844 a 1846, Marx teve várias polêmicas. Primeiro, brigou com Ruge. Depois, com a ajuda de Engels, brigou com a família Bauer. Por fim, ainda ampliou a área das suas desavenças: *A ideologia alemã* reuniu páginas de combate não só às idéias de Bruno Bauer como também às idéias de Feuerbach e às do filósofo individualista Max Stirner (autor de um livro intitulado *O único e sua propriedade*).~~

~~Tendo acabado de redigir *A ideologia alemã*, Marx e Engels não encontraram editor interessado em publicar a obra e deixaram-na entregue à “crítica roedora das ratazanas”: os originais ficaram esquecidos numa gaveta. As ratazanas devoraram, de fato, algumas páginas. O que sobrou veio posteriormente a ser publicado na íntegra, mas só em 1931.~~

Marx não se aborreceu com o fato de o livro não ter sido publicado na ocasião. Era um livro pesado, extenso, de leitura difícil, e o principal objetivo com que fora escrito era o de proporcionar aos autores uma oportunidade para esclarecerem a si mesmos os traços fundamentais da nova concepção filosófica que estavam elaborando.

Com suas idéias mais bem definidas, Marx sentiu necessidade de passar logo à atividade prática e procurou entrosar-se com o movimento operário europeu, intensificando seus contatos com os dirigentes comunistas de Londres e de Paris.

Em 30 de março de 1846, realizou-se em Bruxelas uma importante reunião do comitê operário local, filiado à “Liga dos Justos”, entidade comunista fundada por Weitling. A essa reunião compareceram tanto Weitling como Marx.

Weitling, filho de um oficial francês e de uma lavadeira alemã, era um líder operário de grande prestígio e pregava um comunismo bastante ingênuo, por ele mesmo qualificado de "igualitário". Sua ambição era a de montar um exército de 40 mil marginais e trabalhadores, com o qual pretendia implantar imediatamente o seu comunismo "igualitário" em toda a Europa.

Marx travou com Weitling violenta discussão. Observou-lhe que era tolice pretender implantar o comunismo em lugares onde nem sequer a revolução burguesa tinha-se realizado ainda. Advertiu-o quanto à irresponsabilidade de envolver trabalhadores em ações revolucionárias mal amadurecidas ou em aventuras românticas. E, por fim, disse-lhe que já era tempo de ele procurar apresentar ao proletariado um programa solidamente assentado em bases científicas.

Weitling respondeu a Marx dizendo-lhe que o proletariado revolucionário não precisava de teorias e devia desconfiar dos teóricos. Irritado, Marx deu um vigoroso murro na mesa e gritou para Weitling: "A ignorância jamais foi útil a alguém". A reunião teve de ser encerrada às pressas.

Mais tarde, à medida que seus pontos de vista iam prevalecendo sobre os de Weitling, Marx concordou em ingressar na "Liga dos Justos". Em junho de 1847, a Liga realizou um Congresso em Londres: Marx não pôde comparecer por falta de dinheiro, mas Engels foi e falou em nome dele. Por sugestão de Engels, a Liga adotou uma organização interna mais democrática e mudou seu antigo lema — que era "todos os homens são irmãos" — para a conclamação: "proletários de todos os países, uni-vos!". Além disso, a Liga passou a chamar-se "Liga dos Comunistas".

Proudhon

Em maio de 1846, Marx escreveu a Proudhon uma carta, convidando-o a fazer parte de um comitê encarregado de promover, por meio de correspondência, um constante intercâmbio de idéias entre comunistas de vários países.

Proudhon respondeu dizendo que, em princípio, achava a idéia interessante, porém advertiu que não aprovava a ação revolucionária como método para transformar a organização econômica e social. E aproveitou para comunicar a Marx que estava terminando de escrever um livro e o enviaria a seu "caro filósofo" logo que aquele sáísse, para ouvir-lhe a crítica e, se fosse o caso, sentir-lhe a "palmatória".

Marx recebeu em dezembro de 1846 o livro de Proudhon: *Sistema das contradições econômicas*. Pôs-se imediatamente a preparar sua resposta: a "palmatória" que Proudhon desafiara. Como a obra do outro tinha o subtítulo de *A filosofia da miséria*, Marx deu à sua réplica o título de *A miséria da filosofia*.

Proudhon condenava a filosofia dos que procuravam explorar a miséria dos trabalhadores, conduzindo-os por caminhos revolucionários (que, a seu ver, só lhes trariam prejuízos). Marx criticou Proudhon por reduzir a dialética hegeliana às proporções mais mesquinhas que poderiam ser imaginadas. "Na França, ele tem o direito de ser um mau economista, porque passa por ser um bom filósofo alemão. Na Alemanha, tem o direito de ser um mau filósofo, porque passa por ser um dos melhores economistas franceses."

Proudhon era então, na França, muito mais conhecido do que Marx. Sua obra *O que é a propriedade?* tivera grande êxito e o próprio Marx a lera com acentuada simpatia. O *Sistema das contradições econômicas* estava destinado a ter grande número de leitores. Para atingir o mesmo público que lia o novo livro de Proudhon, o alemão Marx redigiu diretamente em francês *A miséria da filosofia*.

O ataque a Proudhon foi severo. A “palmatória” bateu firme. “Da dialética de Hegel”, escreveu Marx, “o sr. Proudhon tem apenas o vocabulário. Seu movimento dialético se reduz à distinção dogmática do bom e do mau.” Em tudo Proudhon via um lado bom e um lado mau. Em vez de levar em conta a complexidade das contradições que a realidade lhe apresentava, ele simplificava forçadamente todas as coisas, reduzindo a ciência social à busca do “lado bom” das instituições e à incorporação desse “lado bom” aos estágios mais avançados do processo histórico.

Embora tivesse trabalhado como operário, Proudhon era, por sua mentalidade, um pequeno-burguês típico: por isso, segundo Marx, ele venerava a contradição. O pequeno-burguês é a própria contradição materializada: quanto mais o capitalismo o proletariza, mais ele repele a ideologia da classe operária; quanto mais a condição de grande burguês se torna inacessível para ele, mais ele passa a viver em função da esperança de um dia alcançá-la.

Só que, vista da perspectiva típica da pequena burguesia, a contradição nunca tem solução: ela assume a forma de um *paradoxo* que se eterniza e jamais se resolve.

Proudhon, como pequeno-burguês que era (em mentalidade), não compreendeu o caráter *histórico* das contradições que tinha procurado examinar em seu livro e utilizou, em sua análise da economia capitalista, conceitos e categorias que supunha estarem *acima da história*. Ele falava, por exemplo, em “natureza humana” como se essa natureza humana fosse algo imutável, ao longo da história e não pudesse mudar no futuro. Marx retrucou-lhe: “O sr. Proudhon

ignora que toda a História não tem sido outra senão uma permanente transformação da natureza humana”.

As contradições, para Marx, não existiam para ser veneradas, como se fossem eternas. Justamente por não serem eternas, as contradições precisam ser encaradas como são — a fim de serem superadas e substituídas por novas contradições, características de um estágio histórico mais avançado.

Uma vez que não levava em conta o caráter histórico das contradições da sociedade capitalista, Proudhon não conseguia enxergar as verdadeiras raízes de tais contradições e só as abordava superficialmente.

Como observador superficial e pequeno-burguês amante da ordem, Proudhon achava absurdo, por exemplo, que os operários se unissem para reivindicar e fossem até levados à greve. A greve, prejudicando a harmonia do sistema de produção e fazendo a produção cair, parecia-lhe uma ação necessariamente *criminosa*.

Marx chamou-lhe a atenção para o fato de que a greve era, muitas vezes, o único meio de defesa que o próprio sistema capitalista deixava aos operários. E observou-lhe que era o próprio sistema capitalista que, para se servir da mão-de-obra, reunia os trabalhadores e aglomerava-os em suas indústrias. “Assim, essa massa já constitui uma classe *para o capital*, embora ainda não constitua uma classe *para si mesma*.” No curso da luta, a classe se organiza, toma consciência de seus próprios problemas e se torna — no dizer de Marx — “uma classe *para si mesma*”.

Proudhon recebeu mal as críticas de Marx. Considerou-o um “caluniador” que não o tinha entendido. Atribuiu as “calúnias” à “inveja”. E descambou para o *anti-semitismo*: “Os judeus envenenam tudo”. “Devia-se enviar essa raça para a Ásia, ou então exterminá-la.”

Manifesto

O ano de 1847 foi de intensa atividade para Marx. Ele estava, então, com 29 anos. Já tinha três filhos: Jenny, Laura e Edgar. Descumprindo a promessa que fizera ao governo belga, ocupou-se — e muito — da atualidade política.

Fez uma série de conferências na sede da Associação dos Operários Alemães de Bruxelas sobre o trabalho assalariado e a exploração dos operários no regime capitalista. E, além da polêmica com Proudhon (na qual defendera as greves dos trabalhadores), manteve uma polêmica de menor importância com Karl Heinzen, afirmando que a opção que se impunha ao proletariado não era entre “monarquia” ou “república” e, sim, entre “domínio da classe burguesa” ou “domínio da classe operária”. Nesta última polêmica, chamou igualmente a atenção de Heinzen para o atraso da Alemanha semifeudal e disse: os operários alemães “sabem que a própria luta deles contra a burguesia só poderá vingar no dia em que a burguesia tiver triunfado”.

Em novembro de 1847, Marx foi com Engels a Londres para o 2º Congresso da Liga dos Comunistas. Lá, eles desenvolveram um infatigável trabalho de persuasão dos representantes operários, convencendo-os das vantagens de seus pontos de vista. Em consequência desse trabalho, foram ambos encarregados da redação de um *Manifesto comunista*.

Engels entregou a Marx um texto de sua autoria intitulado *Os princípios do comunismo*, no qual em forma de perguntas e respostas, estavam expostas as bases da doutrina que os dois defendiam. Voltando a Bruxelas, Marx se serviu

do texto de Engels para redigir o *Manifesto comunista*, que remeteu a Londres no final de janeiro de 1848.

O *Manifesto* pode ser considerado, ainda hoje, a melhor introdução ao estudo do pensamento de Marx. Apesar de transcorridos mais de 150 anos desde que foi escrito, é surpreendente como o documento resistiu à ação do tempo e continua a provocar poderosa impressão nos que o lêem. “Quem lê pela primeira vez, de um só fôlego, o *Manifesto comunista*, escreve o padre Henri Chamber, não pode deixar de ficar deslumbrado.”

O *Manifesto* começa por uma síntese do desenvolvimento social da humanidade. Marx assinala que a história de todas as sociedades — desde o aparecimento da propriedade privada — vinha sendo a história das lutas de classes. A própria burguesia só tinha conseguido tomar o poder e implantar o capitalismo por meio de uma dura luta contra as instituições feudais.

Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invadiu todo o globo terrestre. Realizou expedições de vulto muito superior ao das cruzadas medievais. Construiu edificações maiores do que as pirâmides do Egito, do que os aquedutos romanos e do que as catedrais góticas. Criou imensos centros urbanos, de vastas populações. Desenvolveu extraordinariamente a tecnologia.

Agora, tal como o aprendiz de feiticeiro, a burguesia não consegue controlar as potências que pôs em movimento. As novas exigências de desenvolvimento das forças produtivas entram em choque com as relações capitalistas de produção. Aprofunda-se a contradição entre o caráter *tecnicamente socializado* do sistema capitalista (centralização dos meios de produção) e a *apropriação privada* em que se baseia o regime burguês.

Com o desenvolvimento da grande indústria, as classes que se opõem ao domínio burguês tendem, em geral, a desaparecer. Mas uma dessas classes, ao contrário, tende a crescer e a fortalecer-se cada vez mais, pois é o mais autêntico produto da grande indústria: o proletariado moderno.

Todas as classes que no passado chegaram a tomar o poder e a organizar a sociedade à sua feição eram, de um ou de outro modo, *classes proprietárias*. O proletariado, que não tem propriedade alguma, só pode tomar o poder para implantar um sistema baseado na propriedade social, coletiva.

A burguesia teme a ascensão do proletariado e dá combate à fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, que é a fração constituída pelos comunistas. Em suas campanhas anticomunistas, a burguesia se mostra escandalizada com a pretensão dos comunistas de abolirem a propriedade privada. Marx lembra aos burgueses, entretanto, que na sociedade capitalista a propriedade privada já se acha de fato abolida para a grande maioria da população.

“O comunismo não retira a ninguém o poder de apropriar-se de sua parte da produção social; suprime apenas o poder de, por meio dessa apropriação, explorar o trabalho alheio.” A propriedade privada que os comunistas querem abolir não é, evidentemente, a propriedade dos objetos de uso pessoal: é a propriedade dos meios de produção.

A burguesia acusa os comunistas de querer acabar com a família para instituir a posse coletiva das mulheres. Marx responde: “Para o burguês, sua mulher nada mais é do que um instrumento de produção. Ouvindo dizer que os instrumentos de produção serão explorados em comum, ele conclui, naturalmente, que haverá comunidade de mulheres. Não imagina que se trata precisamente de libertar a mulher do seu papel atual de mero instrumento de produção.”

Alguns indivíduos provenientes da burguesia, desprezando os artificios ideológicos da classe a que pertencem, são levados por motivos de inteligência e consciência a aderir à causa do proletariado. Outros ficam no meio do caminho. O reconhecimento da justiça da causa da classe operária, segundo Marx, é particularmente dificultado pela proliferação de doutrinas que lançam confusão sobre o conceito de “socialismo”. Marx indica, no *Manifesto*, algumas dessas correntes: a de Karl Grün, a de Proudhon, a persistência dos sonhadores

utopistas, o “socialismo” feudal (que se limita a “aconselhar” as classes dominantes a “atenuarem” a exploração) etc.

Proudhon, por exemplo, impressionava a muitos pela aparência radical de sua fórmula: “A propriedade é o roubo!” No entanto, como Marx mostrou, a fórmula — tomada de empréstimo a Brissot — implicava uma contradição lógica, uma vez que o roubo, como violação da propriedade, pressupõe a propriedade. Em lugar de perder tempo em imprecações contra a propriedade, Marx analisa as formas concretas por ela assumidas em seu desenvolvimento histórico e procura lançar luz sobre o processo que leva necessariamente à superação da propriedade burguesa atual.

Depois de ter feito a crítica das correntes teóricas confucionistas, Marx conclui o *Manifesto* com o lema da Liga dos Comunistas: “Os proletários nada têm a perder a não ser as suas algemas. Têm um mundo inteiro a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!”

Retorno

A publicação do *Manifesto comunista* coincidiu com uma crise econômica nos grandes centros industriais da Europa e com agitações políticas em diversos países europeus.

Na Suíça, os democratas haviam enfrentado um movimento separatista interno dos clericais e, apesar do apoio dado a este movimento separatista pelas potências reacionárias da “Santa Aliança”, tinham levado a melhor. Com isso, trouxeram poderoso incentivo aos democratas de todo o continente.

No norte da Itália, os democratas saíram às ruas e entraram em choque com a polícia dos conservadores. Em Palermo, explodiu uma rebelião popular.

Na França, em 24 de fevereiro de 1848, uma sublevação forçou a queda do rei Luís Filipe. Um representante do governo provisório instalado em Paris — Flocon — escreveu a Marx, convidando-o a voltar à França.

Marx já estava se preparando para deixar Bruxelas quando foi vítima de acontecimentos desagradáveis. O rei Leopoldo, da Bélgica, genro de Luís Filipe, sentindo-se ameaçado pela morte política do sogro, fez uma aliança com o partido liberal e desencadeou violenta repressão contra os democratas, contra os republicanos e especialmente contra o movimento operário. No curso dessa repressão, Marx foi preso. E, em seguida, foi igualmente presa sua esposa, a senhora Jenny Marx, que chegou a passar algumas horas em uma cela juntamente com três prostitutas. A imprensa protestou contra o tratamento dado ao casal Marx, lembrando

que ele era professor de filosofia e ela, irmã de um alto figurão da política alemã. O escândalo foi grande: houve até interpelação ao ministro da Justiça, formulada pelo deputado Bricourt. Mas as manifestações de solidariedade não impediram que Marx e a mulher fossem expulsos da Bélgica.

Chegando a Paris, em 6 de março, Marx encontrou um clima de euforia revolucionária. Com o apoio de Herwegh e de Bakunin, Adalbert von Bornstedt — uma sinuosa figura de aventureiro — estava organizando um exército de refugiados (de bandeira negra, amarela e vermelha) com o qual pretendia invadir a Alemanha. O governo provisório da França financiava Bornstedt, com o intuito de livrar-se o mais rapidamente possível dos refugiados.

Marx não concordou com a invasão. Para ele, a libertação da Alemanha deveria se fazer de dentro para fora e não de fora para dentro. Sua opinião era a de que os refugiados deveriam regressar individualmente à Alemanha e lá deveriam se organizar com vista à insurreição das massas.

Por se opor à aventura militar, Marx foi chamado de "covarde" e "traidor". No entanto, seu ponto de vista foi confirmado pelos fatos que vieram a se suceder. A invasão de Bornstedt foi um fiasco: a reação explorou-a para levar amplos círculos da população alemã a uma atitude de má vontade para com os republicanos e os socialistas, acusando-os de *falta de patriotismo*.

Uma última tentativa de envolver Marx em operações militares foi feita pelo velho duque de Brunswick, aristocrata decadente, bêbado e corrupto, que se dispunha a financiar um levante na Prússia caso lhe fosse devolvido o seu antigo ducado. Mas, ainda aqui, Marx não se deixou desviar do caminho da *sensatez revolucionária*.

A situação da Alemanha (da Prússia) exigia outro tipo de ação: o reacionaríssimo Metternich havia caído e o rei Frederico Guilherme IV estava assustado, fazendo concessões aos liberais e aos constitucionalistas. Processava-se uma democratização interna, parcial e momentânea, na vida alemã.

Marx e Engels aproveitaram o momento e, no dia 10 de abril, instalaram-se em Colônia, na Prússia Renana, exatamente na região onde ambos haviam nascido.

Colônia

Em Colônia funcionara, anos atrás, a *Gazeta Renana*. E Colônia foi o lugar que Marx e Engels escolheram para ser a sede de uma nova publicação, cujo primeiro número apareceu em 1º de maio de 1848: a *Nova Gazeta Renana*.

A revista se intitulava “órgão da democracia”. Achar-se o movimento operário muito fraco na região, Marx entendeu que ele devia trabalhar em aliança com os democratas burgueses, devia formar uma espécie de *ala esquerda* da liberal-democracia. À *Nova Gazeta Renana* cabia defender a posição correspondente a essa *ala esquerda*: Marx ficou como redator-chefe da revista e Engels, Burgers, Dronke, George Weerth, Ferdinand e Wilhelm Wolff compuseram o quadro dos seus colaboradores permanentes.

No interior do movimento operário, desenvolveu-se uma oposição à linha “conciliadora” e “reformista” da *Nova Gazeta Renana*. O líder dessa oposição “de esquerda” a Marx era o médico André Gottschalk. Segundo este, a vanguarda do movimento operário devia apresentar um programa claro e diretamente comunista e lutar pela sua imediata realização. Gottschalk era contra a participação dos comunistas nas eleições. Marx denunciou o *oportunismo* existente sob a máscara do aparente “radicalismo” de Gottschalk dizendo que as posições do outro levavam os revolucionários à seguinte (e inaceitável) alternativa: “Ou tomamos agora mesmo o poder ou então vamos para casa descansar”.

Enquanto pôde, Marx procurou aproveitar as oportunidades que ainda se achavam abertas para um trabalho

político em aliança com os democratas. Cedo, porém, essas possibilidades foram desaparecendo. A burguesia francesa iludira o proletariado francês explorando em seu proveito exclusivo o movimento popular de fevereiro de 1848 e depois reprimira com violência um protesto operário verificado em junho de 1848. A reação, na Prússia, passada a tempestade, se reorganizou e voltou à ofensiva.

No final de 1849, Marx ainda tinha esperanças em novo levante do proletariado francês. Logo, no entanto, a esperança se dissipou. A situação internacional piorou tanto quanto a interna. A burguesia alemã, fraca, adotou uma política de conciliação em face das forças reacionárias locais e facilitou o fortalecimento delas.

O governo, então, fechou arbitrariamente o Congresso e decretou o estado de sítio em Colônia: a publicação da *Nova Gazeta Renana* foi temporariamente suspensa.

Tendo sido expedido um mandado de prisão contra Engels, o grande amigo de Marx foi obrigado a sair da cidade. Na companhia de Dronke e dos irmãos Wolff — igualmente perseguidos — Engels dirigiu-se a Bruxelas e de lá, com a polícia nos calcanhares, encaminhou-se para a Suíça. Como se achava completamente sem dinheiro, Engels fez a viagem a pé, admirando os vinhos e as mulheres, com a ajuda financeira de Marx.

Posteriormente, os democratas do sul da Alemanha se insurgiram contra o fechamento do Congresso e pegaram em armas para defender a legalidade. Engels alistou-se nas tropas da região de Baden e notabilizou-se como oficial e estrategista. Contudo, a superioridade militar do governo era imensa e os democratas, prejudicados por numerosas cisões internas, foram derrotados. O batalhão de Engels acabou sendo forçado a internar-se na Suíça.

Quando o prazo do estado de sítio terminou, a *Nova Gazeta Renana* reapareceu, sem Engels, sem Dronke, sem os irmãos Wolff. E, ainda por cima, sem fundos: mais da metade dos assinantes haviam cancelado suas assinaturas. Marx foi obrigado a fazer empréstimos em seu nome pes-

soal para sustentar a revista. As precárias condições econômicas, entretanto, não impediram que a linha política da publicação viesse a ser mais radical e mais agressiva do que no período anterior.

Em consequência dos ataques que Marx lhe fazia, o governo decidiu processá-lo. Diante dos juizes, Marx afirmou que o governo dera um golpe e desrespeitara as leis vigentes, de modo que só com muita hipocrisia poderia pretender aplicar tais leis contra os seus adversários vencidos. O Tribunal de Colônia absolveu-o.

Desistindo, afinal, de recorrer aos meios legais, o governo, aproveitando o fato de Marx achar-se momentaneamente fora da cidade, vibrou um golpe de morte na *Nova Gazeta Renana*, decretando a expulsão de Marx do país.

Em maio de 1849, no meio da mais absoluta falta de recursos, Marx teve, assim, de deslocar-se para Paris (e logo depois para Londres), na companhia de seus três filhos, de sua mulher (que estava grávida) e de Helena Demuth, fiel criada de Jenny, já integrada à família.

Londres

Em 24 de agosto de 1849, Marx deixou Paris para se instalar em Londres, onde permaneceu até o fim de sua vida.

Para sobreviver — e também para se desincumbir de uma tarefa de propaganda revolucionária — reorganizou em Londres a *Nova Gazeta Renana*, em forma de revista mensal, e chegou a editar seis números da publicação, fazendo com que ela fosse impressa em Hamburgo.

Procurou, também, reestruturar a Liga dos Comunistas. Entrou em entendimentos com Augusto Willich, ex-oficial alemão que comandara um corpo de tropa na rebelião dos democratas de Baden (e sob cujo comando Engels servira). Entrou igualmente em entendimentos com os seguidores do dirigente mais prestigiado do proletariado francês — Augusto Blanqui — e com os cartistas revolucionários da Inglaterra: com eles fundou uma "Sociedade Mundial dos Comunistas Revolucionários".

O pão do exílio, porém, lhe foi bastante amargo, sobretudo nos primeiros anos. A *Nova Gazeta Renana*, em sua fase londrina, durou pouco: em novembro de 1850 saiu o seu sexto e último número.

A miséria se apoderou da família de Marx. Seu filho Guido, nascido logo depois da chegada a Londres, e sua filha Francisca, nascida no princípio de 1851, só viveram um ano cada um: a falta de recursos materiais em que Marx se achava contribuiu decisivamente para a morte prematura das duas crianças.

Há uma carta de Marx para Engels, datada de 8 de setembro de 1852, que dá idéia do desespero daquele em face da pobreza extrema a que se vira reduzido. Nela, Marx escreveu: "Minha mulher está doente. Minha filha Jenny está doente. Heleninha (Demuth) está com uma espécie de febre nervosa. Não pude nem posso chamar o médico por falta de dinheiro para os remédios. Há oito dias que alimento minha família unicamente com pão e batatas. E não sei se ainda vou poder comprar pão e batatas para hoje".

Naquela ocasião — como em numerosas outras, aliás, Engels prestou a seu amigo toda a ajuda que podia. Para poder prestar um auxílio mais efetivo a Marx, Engels aceitou até se empregar na fábrica de tecidos que seu pai possuía em Manchester.

Com supremo esforço, Marx mantinha em dia o pagamento da casa que alugara em Chelsea. Mas a casa era sublocada. E a locatária, que recebia de Marx, não pagava em dia ao proprietário. Marx foi, então, despejado com sua família. A muito custo, instalou-se provisoriamente em Leicester Street e, depois, numa pequena casa em Deanstreet.

A "Sociedade Mundial dos Comunistas Revolucionários", por sua vez, não deu certo. As divergências internas impediram-na de funcionar. A crise acabou por se instalar no interior da própria Liga dos Comunistas: Willich e Schapper restauraram na Liga as posições *praticistas* de Weitling, proclamando um acentuado desprezo pela teoria e as posições *ultra-esquerdistas* do dr. Gottschalk.

As discussões travadas entre os comunistas refugiados tornaram-se violentas. Um refugiado chamado Schramm, em conseqüência de um bate-boca, desafiou Willich para um duelo, do qual resultou uma ferida leve para o desafiante. Em outra ocasião posterior, um grupo de refugiados agrediu Willich na rua a pauladas.

Willich era um homem corajoso, porém não era muito sensato. Para ele, a realização de uma revolução não dependia das condições socioeconômicas e, sim, da disposição, da combatividade e da habilidade dos revolucionários. Marx,

embora reconhecendo a importância dos fatores subjetivos no processo histórico, repelia as ilusões *voluntaristas* de Willich.

Em geral, Marx evitava ser envolvido pelas intrigas e choques pessoais entre os refugiados, mas sentia-se obrigado a combater as influências ideológicas que podiam acarretar prejuízo grave para os comunistas. Além de suas críticas a Willich, ele censurou duramente Kinkel, Ruge, Heinzen e outros. Chegou até a redigir contra eles, juntamente com Engels, um folheto intitulado Os grandes homens do exílio. Um ex-oficial húngaro, J. Bangya, ofereceu-se para levar os manuscritos do folheto a um editor interessado, que pagaria bem pela edição. Sucedeu, contudo, que Bangya levou os manuscritos e sumiu: conforme posteriormente se apurou, ele era um agente policial.

O clima entre os exilados era de tensão, insegurança e mal-estar. Alguns chegaram a perder o juízo. Em carta a Engels, Marx contou o caso de um deles, o jovial alfaiate Rumpf: "Há mais ou menos cinco meses, o infeliz, para sair da miséria, casou-se com uma senhora idosa. Tornou-se, então, excessivamente sério, renunciou completamente à bebida e passou a trabalhar como um cavalo. Há cerca de uma semana, voltou a beber. E, há poucos dias, mandou-me chamar para me dizer que descobrira o jeito de fazer todo mundo feliz, que eu seria o seu ministro etc. Desde ontem está internado no manicômio" (14 de junho de 1853).

Nesse ambiente insalubre, Marx esforçava-se por não perder o equilíbrio, por manter o senso de humor. Mas nem sempre isso era possível. Uma das ocasiões em que Marx se sentiu mais profundamente encolerizado foi a do seu envolvimento num rumoroso processo aberto contra os comunistas em Colônia, na Alemanha, em 1851. Tendo alguns partidários de Willich e Schapper sido presos em Colônia durante suas atividades conspiratórias, a polícia resolveu aproveitar as circunstâncias para acusá-los de fazerem parte de uma perigosa trama internacional e para envolver Marx no "escândalo".

A principal "prova" apresentada contra Marx no processo era um livro de atas atribuído à Liga dos Comunistas, no qual ele aparecia como planejador de atentados terroristas. Marx, irritadíssimo, dedicou várias semanas de sua atividade a provar que o tal livro de atas era uma grosseira falsificação policial e o Ministério Público foi obrigado a abandonar a "prova" que apresentara ao Tribunal, reconhecendo que esta fora forjada pelos agentes Fleury, Hirsch e Greif.

História

O que sempre ajudou Marx a manter o ânimo forte foi a sua capacidade de se concentrar no trabalho e no estudo. Em meio à crise, atormentado pelos credores, pela preocupação com o pão de cada dia, por furúnculos e hemorroidas, por infâmias policiais e dissidências revolucionárias, Marx lia sem parar e coligia dados para suas análises. Para consultar livros que não podia comprar, ia à Biblioteca Pública de Londres. Para adquirir papel onde pudesse anotar suas observações, levava peças de roupas à casa de penhores.

Nos primeiros anos de exílio londrino – e apesar de sua convicção de que a Economia Política não tinha feito progressos substanciais desde Adam Smith e David Ricardo – Marx leu e estudou os livros de B. Torrens, T. Hodgskin, Malthus, Ure, J. G. Hubbard, Nassau Senior, W. H. Prescott, Bastiat, J. Gray e diversos outros autores. Pieper, em carta a Engels (janeiro de 1851), referiu-se a Marx dizendo: "Quando vou visitá-lo, não sou recebido com saudações e sim com categorias econômicas".

Marx estudava com afinco a economia, a organização bancária, o crédito, a renda da terra e a tecnologia industrial. Mas não o fazia com o espírito de um especialista. Por isso, a consideração das questões econômicas exigia para ele uma complementação, que era a consideração dos problemas humanos mais amplos em geral.

Interessado em compreender as causas da situação decepção que chegara a França, Marx afastou-se momentaneamente da teoria econômica e iniciou a elaboração

de dois estudos destinados a servir de teste prático para a sua concepção da história: *As lutas de classe na França de 1848 a 1850* e *O 18 brumário de Luís Bonaparte*.

De acordo com o materialismo histórico (que é a concepção marxista da história), é impossível ter uma compreensão científica das grandes mudanças sociais sem ir à raiz dessas mudanças, isto é, sem chegar às causas econômicas que, em última instância, as determinam. Daí que um marxista, quando se dispõe a analisar um determinado período histórico, procure sempre dispor das mais completas e seguras informações acerca da situação econômica e de suas transformações no período a ser analisado.

Quando Marx resolveu aplicar o seu método à análise de fatos históricos que tinham ocorrido recentemente – e, ainda por cima, não em um artigo de jornal, mas em dois ensaios bastante desenvolvidos – sabia que estava sendo excessivamente ousado. Os dados de que dispunha eram insuficientes: as estatísticas não lhe podiam proporcionar os elementos necessários à compreensão da evolução recente da situação econômica da França.

Apesar da ousadia, no entanto, Marx se saiu muito bem da prova que se impusera: tanto *As lutas de classe em França de 1848 a 1850* (publicado em capítulos pela *Nova Gazeta Renana*, em seu período londrino) como *O 18 brumário de Luís Bonaparte* (publicado pela revista *A Revolução*, de Joseph Weydemeyer, editada em Nova York) resistiram bem à ação do tempo e ao confronto com a evolução posterior dos fatos.

O estudo sobre *As lutas de classe em França de 1848 a 1850* mostrou que o reinado de Luís Filipe (de 1830 a 1848) fora um período em que dominara uma fração da burguesia francesa: a fração constituída pelos banqueiros, especuladores da Bolsa, donos de estradas de ferro, proprietários de minas, detentores de explorações florestais e demais integrantes da chamada “aristocracia financeira”. A burguesia industrial, a pequena burguesia e a grande massa dos pequenos pro-

prietários rurais (camponeses) – tal como, é claro, o proletariado – tinham ficado excluídas do poder político.

Em fevereiro de 1848, um movimento popular abria as portas da direção do Estado para a burguesia industrial e para a pequena burguesia. O proletariado – que participara decisivamente da deposição de Luís Filipe e impusera a forma republicana de governo – teve uma colher de chá momentânea no governo provisório, mas acabou excluído da direção do Estado. E os camponeses (os pequenos proprietários rurais) foram esquecidos.

Em junho de 1848, os operários se sublevaram e foram derrotados. A pequena burguesia urbana, que apoiara a repressão ao movimento operário, não tardou a ver que embarcara em uma canoa furada, pois logo a política econômica e financeira do governo passou a lhe impor graves prejuízos.

Foi então que – conforme a análise de *O 18 brumário de Luís Bonaparte* – um aventureiro medíocre e inescrupuloso, explorando o fato de ser sobrinho de Napoleão, capitalizando o descontentamento generalizado, cresceu na arena política francesa e chegou a ser eleito presidente da República.

Posto na chefia do Executivo, Luís Bonaparte tratou logo de preparar o golpe que o levaria a ser coroado imperador: o seu “18 brumário”. Apoiou-se, sobretudo, nos pequenos proprietários rurais (camponeses) e no lumpen-proletariado urbano (a marginalidade, os ladrões, os mendigos, as prostitutas, os gigolôs etc.). Algumas concessões *populistas* conseguiram trazer para a sua área a pequena burguesia e amplos setores do proletariado.

Mas a área de manobra que ele utilizou ainda foi maior: a “aristocracia financeira” que governara a França até 1848 viu no boêmio um boneco que ela poderia facilmente controlar. E as duas correntes monarquistas – a dos adeptos da Casa de Orleans e a dos adeptos da Casa dos Bourbons – viram na sua ascensão um meio de desmoralizar definitivamente o regime republicano e abrir caminho para a restauração da “verdadeira” monarquia.

A mediocridade de Luís Bonaparte, portanto, não foi um empecilho à sua vitória: ela o levou a obter apoio nas mais diversas áreas, levou-o a reunir condições favoráveis para ser o líder mesquinho de um momento mesquinho da história da França. E, quando a ocasião surgiu, em 2 de dezembro de 1851, ele fechou o Parlamento, escorou-se no Exército e substituiu, de fato, a palavra de ordem da Revolução Francesa ("Liberdade, Igualdade, Fraternidade") pela palavra de ordem do *bonapartismo* ("Infantaria, Cavalaria e Artilharia").

Dor

Durante anos, Marx planejou escrever um livro no qual promoveria a revisão da Economia Política. Chegou a expor a Engels e a outros amigos um plano para a realização da obra, em três volumes, porém considerava-o provisório e não se decidia a pô-lo imediatamente em prática. Ia recolhendo novos dados, revendo e ampliando o plano original, adiando sempre a publicação de seu estudo.

Ferdinand Lassalle, jovem e talentoso advogado socialista, admirador de Marx, escreveu-lhe em 12 de maio de 1851 uma carta perguntando pela obra, "esse monstro em três volumes do Ricardo que se tornou socialista e do Hegel que se tornou economista". Engels também pressionava Marx no sentido de que este acabasse logo o livro: "Não sei quando te convencerás de que não tens por que seres tão consciencioso em tuas coisas e de que ele está mais do que bom para o público. O principal é que o escrevas e que ele se publique. Os defeitos que porventura envergues nele não serão vistos pelos asnos". Marx, no entanto, evitava qualquer precipitação e deixou de seguir o conselho do amigo.

Enquanto buscava os elementos que considerava necessários à elaboração do seu livro, Marx, para ganhar a vida, escrevia artigos sobre política internacional. Escrevia, por exemplo, para o *People's Paper*, jornal do movimento carlista. Escrevia para a *Neue Oder Zeitung*, publicação liberal que saía em Breslau, na Silésia, (região hoje pertencente à Polônia). E escrevia para *The Free Press*, revista do diplomata inglês David Urquhart, admirador extremado da Tur-

quia (“monomaníaco”, segundo Marx), que apreciara muito uns artigos que Marx escrevera, criticando a guerra da Rússia czarista contra a Turquia e a franqueza e os equívocos do ministro inglês Palmerstom em face da política russa.

A colaboração jornalística mais digna de interesse, entretanto, a que encerra maior número de artigos, foi a que Marx encaminhou, ao longo de vários anos, para o *New York Daily Tribune*. A matéria era inicialmente escrita por Engels, ou por este traduzida, pois Marx ainda não dominava a língua inglesa. Em meados de 1853, porém, Marx já se animava a redigi-la sozinho.

No *New York Daily Tribune*, Marx comentou a insurreição ocorrida na Espanha em 1854, quando dois generais – O’Donnell e Dulce – mobilizaram suas tropas contra o rei, procurando capitalizar o descontentamento do povo diante da política econômica e financeira da monarquia. Para melhor estudar a história da Espanha, Marx aprendeu o espanhol e lia constantemente no original as obras de Cervantes e Calderón.

Marx sabia que a miséria do povo, por si só, nunca basta para provocar uma rebelião popular e menos ainda para fazer com que ela vença. Por isso, ele não se surpreendeu quando, em 1856, as forças reacionárias da Espanha derrotaram o movimento iniciado em 1854. Embora tenha fracassado, explicou Marx, o movimento acarretou um progresso histórico. “Um progresso cuja lentidão só pode assombrar aos que não conheçam os hábitos e costumes de um país onde todo mundo está sempre disposto a dizer que seus antepassados levaram oitocentos anos para expulsar os mouros.”

O redator do *New York Daily Tribune* que recebia a colaboração e mandava publicá-la era um jornalista chamado Charles Dana, que Marx conhecera em Colônia, nos tempos da *Nova Gazeta Renana*. Numa ocasião, Marx propôs a Dana escrever uma história da moderna filosofia alemã para ser editada em livros nos Estados Unidos. Dana respondeu que só dispunha de editor caso Marx lhe garan-

tisse que a obra proposta não ia ferir os “sentimentos religiosos” do povo norte-americano. A história acabou não sendo escrita.

No *New York Daily Tribune*, em 1853, Marx analisou o domínio britânico na Índia, mostrando que a exploração Inglesa foi para o povo indiano uma verdadeira calamidade, pois destruiu o seu modo de vida tradicional e saqueou-lhe impiedosamente as riquezas, além de explorar-lhe o trabalho. Porém – conforme assinalou Marx – a situação de atraso da Índia, embora tenha sido agravada pela exploração colonial britânica, encontrou nessa própria exploração as condições necessárias à sua modificação. Os ingleses, levando a tecnologia desenvolvida de que dispunham à Índia, destruíram a “inocência” em que vegetava o povo indiano. Depois de terem entrado em contato com o poderio industrial da Inglaterra e terem sofrido o seu peso, os indianos não mais abandonariam suas exigências no sentido de que o seu país também viesse a se industrializar.

Os anos de trabalho para o *New York Daily Tribune* foram cheios de incidentes e flutuações na vida de Marx. Houve momentos em que, cheio de esperanças, ele chegou a admitir a possibilidade de ir morar com sua família nos Estados Unidos. Em outros períodos, contudo, surgiam aborrecimentos. Certos artigos eram publicados como editoriais, sem assinatura. Alguns saíam assinados, porém sofriam cortes. E outros, ainda, mofavam nas gavetas e não conseguiam publicação: havia na redação do jornal estadunidense um redator, o polonês Gurovski, que simpatizava com a Rússia czarista e procurava impedir que chegassem ao público os ataques de Marx à política russa.

Uma vez, tendo escrito a Dana uma carta de reclamação, Marx recebeu dele uma proposta de colaboração para a *New American Cyclopaedia* (“Nova Enciclopédia Americana”). Depois de consultar Engels, aceitou. E começou a redigir uma série de verbetes sobre assuntos históricos.

A verdade, contudo, é que nem os verbetes da enciclopédia nem os artigos escritos para diversos jornais che-

gavam a proporcionar a Marx mais do que um desafogo momentâneo. Sua situação habitual, durante cerca de vinte anos, foi a de miséria. Nessa época, por exemplo, a mulher de Marx dera à luz uma filha (Eleanor) e a família, perseguida pelos credores, se viu obrigada a refugiar-se durante alguns meses na casa de Engels.

Antes de passar essa temporada na casa de seu amigo, entretanto, Marx ainda se viu atingido por um novo e rude golpe em sua vida privada: em 12 de abril de 1855, aos nove anos de idade, morreu seu dileto filho Edgar (apelidado Mush).

A morte do garoto deixou Marx acabrunhadíssimo. Em total prostração, ele escreveu a Engels: "tenho passado por todas as espécies de dificuldades, mas só agora sei mesmo o que é uma verdadeira desgraça".

E, dois meses depois, ainda escreveu a Lassalle: "Bacon diz que os grandes homens têm relações tão diversas com a natureza e com o mundo, têm tantos objetivos a reter-lhes a atenção, que lhes é fácil esquecer a dor de qualquer perda. Pois bem: não sou um desses grandes homens. A morte de meu filho me abalou profundamente o coração e a cabeça. E continuo a sentir-lhe a falta com a mesma intensidade que no primeiro dia".

Crítica

Em 1857, Marx estava doente do fígado e Engels se achava às voltas com graves perturbações glandulares. Jenny Marx, igualmente, não andava bem de saúde e dera à luz uma criança que nasceria morta.

No final do ano, entretanto, uma crise financeira abalou a Inglaterra e o resto da Europa. Isso bastou para que Marx se animasse. Em meio às dores do fígado e à miséria habitual, ele escreveu a Engels: "Desde 1849, nunca me senti tão bem como agora". E Engels respondeu com o mesmo entusiasmo: "A crise produz em mim o mesmo bem-estar físico de um banho de mar".

Jenny, por sua vez, em carta a Conrad Schramm, amigo de seu marido, deu o seguinte testemunho: "Você não pode imaginar como o *Mouro* está satisfeito. Voltaram-lhe a capacidade e a facilidade no trabalho, voltaram-lhe a juventude e a alegria de espírito dos melhores tempos" (*Mouro* era o apelido de Marx no meio da família, por causa de sua tez morena).

Marx e Engels viram na crise a possibilidade de ocorrerem profundas modificações políticas e até, nos países onde o proletariado estivesse organizado, a possibilidade de a classe operária tomar o poder. Em 1857, entretanto, nada disso chegou a acontecer: as conseqüências da crise foram muito menos drásticas do que os dois amigos esperavam.

A crise de 1857 foi menos útil para o movimento socialista do que para os nacionalistas italianos, que, desde 1848, vinham fazendo força para promover a unificação da

Itália. Aproveitando os efeitos da crise, a Sardenha, sob a liderança política de Cavour, entrou em entendimentos com a França e se insurgiu contra a dominação austríaca. Napoleão III, imperador francês, apoiou a Sardenha em troca de Savóia e Nice, posteriormente entregues à França.

Marx escreveu diversos artigos sobre os acontecimentos da Itália, procurando pôr a nu, no exame da questão italiana, os interesses particulares contraditórios da Áustria, da Prússia, da França e da Inglaterra. Além disso, incentivou Engels numa polêmica deste com Lassalle a propósito da questão. Lassalle, impressionado com as veleidades imperialistas de Napoleão III, preconizava para a Prússia uma política que resultaria em fortalecimento do imperialismo alemão, que mais tarde teve em Bismark o seu primeiro organizador.

Enquanto isso, na própria época da crise de 1857, a burguesia inglesa foi levada a enfrentar com brutalidade o movimento nacionalista chinês que ameaçava prejudicar o seu lucrativo comércio no Oriente, impondo entraves ao tráfico do ópio. As Forças Armadas da Inglaterra bombardearam Cantão e impuseram aos chineses uma devastadora derrota militar, que garantiu a sobrevivência dos interesses comerciais britânicos na China.

Curiosamente, nessa guerra contra o nacionalismo chinês, a burguesia inglesa contou com a ajuda do imperador dos franceses. Colocado numa dependência cada vez maior em face dos financistas ingleses, Napoleão III estava quase transformado num vassalo deles. A situação era melancólica: o sobrinho, que fizera carreira explorando a fama de seu ilustre tio, servia agora de criado aos que o tinham vencido em Waterloo. Marx não deixou de chamar a atenção para o fato nos artigos que escrevia para o *New York Daily Tribune*.

O fato de a crise de 1857 não ter produzido efeitos mais profundos levou Marx à convicção de que precisava analisar mais detidamente a estrutura da sociedade capitalista.

E começou, então, por estudar os problemas de método cujo esclarecimento considerava indispensável aos econo-

mistas e redigiu uma *Introdução geral à crítica da economia política*. Depois, redigiu uma série de anotações que vieram mais tarde a ser conhecidas como *Fundamentos da economia política*. Por fim, baseado na experiência de dois trabalhos anteriores, escreveu o livro *Contribuição à crítica da economia política*.

Dos três trabalhos referidos, só o último foi publicado ainda em vida de Marx: saiu em 1859. A *Introdução geral* não foi publicada porque Marx achou que ela pareceria dogmática aos olhos dos leitores exigentes, pois antecipa conclusões que deveriam decorrer de análises que ainda não tinham sido suficientemente desenvolvidas. *Fundamentos*, por sua vez, permaneceu um escrito fragmentário, incompleto. Por isso, a *Introdução geral* permaneceu inédita até 1903 e *Fundamentos* ("Grundrisse") até 1939.

Quanto à *Contribuição à crítica da economia política* – o livro que Marx chegou a publicar – trata-se de um trabalho que antecipa as idéias constantes dos quatro primeiros capítulos de *O capital*. Quando falarmos de *O capital*, procuraremos ver, resumidamente, em que consistem essas idéias de Marx.

Arte

Embora o estudo da economia e a análise política fossem as duas ocupações principais de Marx, ele não limitava a esses dois campos a sua intensa e variada atividade intelectual. Seu conhecimento se desenvolvia constantemente em diversas direções, acumulando vasta soma de dados, que ele dominava sem ostentação.

Para aprofundar suas análises políticas, Marx estudava a história dos povos cujos problemas queria compreender. Para desenvolver o método justo de abordagem das questões teóricas da Economia, releu em 1859 a *Lógica* de Hegel, e realizou estudos de Matemática (sobretudo de cálculo diferencial e integral).

Mesmo áreas mais afastadas de suas pesquisas políticas e econômicas mereciam sua atenção. O aparecimento da *Origem das espécies*, de Darwin, em 1859, não lhe passou despercebido: um ano depois, já tinha lido a obra. Além disso, quando Engels se achava doente e os médicos não conseguiam dar jeito em seus problemas glandulares, Marx interessou-se pelo assunto e, procurando formular um diagnóstico para o caso do amigo, leu diversos livros de Medicina.

Outra esfera da atividade humana pela qual Marx sempre se sentiu atraído foi a da arte. Na adolescência, escreveu poemas e fez algumas tentativas mal-sucedidas de criação literária. Aos 24 anos, dedicou-se a um ensaio sobre a arte cristã. Nos *Manuscritos de 1844*, incluiu importantíssimas reflexões a respeito da arte como educadora dos sentidos humanos, como atividade *humanizadora* das criaturas. Em

A *sagrada família* fez uma longa e penetrante crítica do romance *Os mistérios de Paris*, de Eugênio Sue, mostrando que muitos intelectuais “de esquerda”, na época, estavam considerando *conteúdo social progressista* no livro de Sue aquilo que não passava de *demagogia sentimentalóide de fundo conservador*.

Também n’*A ideologia alemã* Marx tratou de questões ligadas à arte. Indicou a importância do comunismo para a criação artística: à medida que for superada a divisão da sociedade em classes, à medida que os artistas não se acharem mais na dependência de determinadas classes sociais e dos interesses particulares dessas classes, a criação artística será mais livre e alcançará resultados melhores. Nem todos os artistas se transformarão em gênios, mas todos os artistas que forem realmente geniais poderão se desenvolver sem entraves, isto é, poderão trabalhar com independência, sem estarem presos às injunções do mercado capitalista.

Em 1857, Charles Dana convidou Marx a escrever para a *New American Cyclopedia* um artigo sobre “Estética”; Marx chegou a ler a *Estética* de Friedrich Theodor Vischer, mas não escreveu o artigo. Na *Introdução geral à crítica da economia política*, entretanto, Marx deu conta de suas novas reflexões a respeito da arte.

Para ele, a produção artística não poderia ser avaliada se não a encarássemos a partir das condições históricas em que ela surge. Toda obra de arte exprime a sua época, a sociedade particular em que ela se cria. Toda obra de arte traduz uma determinada concepção do mundo, própria de uma determinada classe social. Marx, porém, entendia que a arte jamais se reduz à sua gênese social. Como *resultado* de uma atividade *criadora* do homem, a obra de arte é sempre algo *mais* do que o mero quadro das *condições* em que ela aparece.

Uma vez que a arte é capaz de refletir profundamente a condição humana de uma determinada época histórica, ela se eleva à universalidade e conquista o poder de manter a sua vitalidade ao longo da História, comunicando ensinamentos e emoções significativos a homens de diferentes pe-

ríodos e diferentes países. Marx prezava imensamente a rica experiência transmitida pelos grandes artistas do passado e lia constantemente as tragédias de Ésquilo (no original grego) e de Shakespeare. Eleanor – uma das filhas de Marx – escreveu depois da morte de seu pai que Shakespeare era uma espécie de Bíblia em sua casa. E Wilhelm Liebknecht, amigo da família, informa que Marx sabia de cor quase toda a *Divina Comédia* de Dante.

Entre os romancistas, por outro lado, Marx tinha especial admiração por Balzac. Embora este fosse politicamente um conservador, Marx achava que os romances dele refletiam tão profundamente a realidade da época que assumiam até uma significação revolucionária, pois mostravam a estrutura social como uma coisa que estava sendo transformada e precisava mesmo ser submetida a uma transformação. Marx gostava tanto da obra de Balzac que, quando acabasse de escrever *O capital*, pretendia se dedicar a um estudo aprofundado dela. Infelizmente, a morte não lhe deu tempo para esse trabalho.

Vogt

Em 1860, Marx foi obrigado a interromper todos os seus estudos econômicos e políticos por causa de uma desavença com Karl Vogt, materialista vulgar que sustentava, de maneira bastante simplista, que o cérebro produz as idéias tais como o fígado produz a bÍlis e os rins produzem a urina. A briga de Marx com Vogt não foi motivada pelas idéias filosóficas deste e, sim, por seu comportamento político.

Marx sabia que a produção da bÍlis pelo fígado e a produção da urina pelos rins são processos *biológicos*, ao passo que a produção de idéias pelo cérebro é um processo *social*. As idéias, ao contrário da bÍlis ou da urina, podem influir ativamente sobre o destino da humanidade como um todo. Porém Marx não se incomodava com o fato de Vogt sustentar pontos de vista filosoficamente tão frágeis: o que o aborrecia era o fato de Vogt, da SuÍça onde se achava, interferir no trabalho das organizações socialistas e revolucionárias da Alemanha, criando crescentes dificuldades para a ação da vanguarda da classe operária.

Certa ocasião, um refugiado alemão chamado Karl Blind procurou Marx em Londres e afirmou-lhe possuir documentos que provavam ser Vogt um agente assalariado de Napoleão III. Marx comunicou o fato ao jornalista Biskamp e este, por sua conta, inseriu em um número do jornal *O Povo* um texto anônimo denunciando Vogt como espÍa e traidor. Vogt, enfurecido, processou *O Povo* por calúnia; e, embora o processo judicial não tenha resultado em condenação alguma, o "caluniado" teve uma vitória moral já que a direção

do jornal não conseguiu apresentar provas do que afirmara (pois Karl Blind jamais exibiu os documentos que dissera ter em seu poder).

Animado com a repercussão do caso, Vogt publicou um folheto em que acusava Marx de ser o chefe de uma gangue de achacadores exilados em Londres que tomavam dinheiro dos patriotas alemães sob a ameaça de mover contra eles violentas campanhas de imprensa. Atacado em sua honra, Marx foi compelido a replicar: dedicou-se durante todo o ano de 1860 a redigir um volume intitulado *O senhor Vogt*, editado em Londres, em seguida, às suas expensas, com imenso sacrifício.

Nesse livro polêmico, Marx demonstrou, com grande abundância de exemplos, que as campanhas lançadas por Vogt correspondiam sempre aos interesses no momento defendidos por Napoleão III. Anos mais tarde, após a queda deste, foi encontrado nos arquivos secretos das Tulherias um documento que comprovava a entrega a Vogt pela polícia francesa da importância de 40 mil francos, em agosto de 1859.

Desentendimento

Com os gastos que precisou fazer para a edição de *O senhor Vogt*, Marx viu piorar a sua situação econômica. A miséria chegou a tal ponto que ele se viu obrigado a emprender uma viagem (que sua mulher chamou de “expedição pirata”) à Holanda, a fim de obter dinheiro com seu tio Lion Philips. O tio acabou por lhe antecipar 160 libras da herança a que tinha direito por parte de sua mãe. O adiantamento, contudo, não lhe cobriu as despesas senão por um período bastante curto.

De volta à Inglaterra, depois de ter visitado Lassalle na Alemanha, Marx se reintegrou, com sua família, à vida de pobreza que levava em Londres desde 1849. Em meados de 1862, num desesperado esforço por superar as privações, candidatou-se a uma vaga de escriturário na Companhia das Estradas de Ferro, porém esta lhe foi negada em virtude de sua má caligrafia. A persistência da situação de miséria não impediu Marx de prosseguir trabalhando em *O capital*, mas diminuiu sensivelmente o rendimento do seu trabalho.

Em janeiro de 1863, Engels lhe escreveu de Manchester, acobardado, comunicando que morrera Mary Burns, a operária irlandesa com quem ele vivia maritalmente há cerca de dez anos. Embora Engels fosse mulherengo, afeiçoara-se sensivelmente a Mary Burns e sentiu profundamente a sua perda. Marx, entretanto, estava inteiramente absorvido por sua desgraça particular e, na carta de resposta ao amigo, juntamente com os pêsames, fez-lhe uma exposição pormenorizada de sua situação econômica: “É terrivelmente egoísta

de minha parte retratar-lhe, num momento como este, os horrores aqui expostos. Mas o remédio é homeopático, uma infelicidade faz esquecer a outra”.

Engels se irritou com a resposta: “Escolheste uma boa ocasião para demonstrar a superioridade de sua frieza de espírito”. Marx voltou a escrever-lhe, desculpando-se e pedindo-lhe que atribuísse o seu cinismo às circunstâncias – desesperadoras – em que se encontrava. Engels arranjou-lhe dinheiro e ainda o tranqüilizou: “Tua última carta apaga a anterior. Estou feliz de não ter perdido, ao mesmo tempo que Mary, o meu melhor e mais antigo amigo”.

O incidente foi logo superado. Ele marca o único desentendimento – momentâneo – ocorrido na longa história das relações entre Marx e Engels. Engels, de resto, não demorou muito a se recuperar da perda de sua companheira; para a recuperação, contou com a ajuda de Lizzy Burns, irmã mais nova de Mary, com quem passou a viver maritalmente e a quem permaneceu ligado até morrer.

Secessão

De 1861 até 1865, Marx acompanhou com grande interesse o que se passava nos Estados Unidos. A Guerra de Secessão – que opôs os Estados do norte aos Estados do sul e resultou na libertação dos escravos negros – mereceu-lhe diversos comentários publicados no *New York Daily Tribune* e em *Die Presse*, ou incluídos em suas cartas.

Interpretando os fatos da Guerra de Secessão, Marx foi o primeiro a formular certas idéias que mais tarde vieram a ser aceitas por quase todos os historiadores desvinculados de compromissos com posições conservadoras e libertos de preconceitos ideológicos.

Marx afirmou, por exemplo, que o fator decisivo da deflagração da guerra foi a divergência básica existente entre o desenvolvimento econômico dos Estados industrializados do norte e a estrutura conservadora dos Estados do sul. Os observadores políticos, na época, asseguravam que a causa da secessão tinha sido o elevado imposto protecionista decretado pelo governo em defesa dos interesses dos Estados do norte. Marx, porém, insistiu na tese de que a secessão tinha raízes mais profundas e viu no imposto Morrill apenas um episódio do choque geral entre as exigências da industrialização e as conveniências da oligarquia sulista. A secessão, escreveu Marx, “não ocorreu porque o imposto Morrill foi aprovado pelo Congresso; antes, ao contrário, o imposto Morrill foi aprovado pelo Congresso porque tinha ocorrido a secessão”.

Durante a guerra, os grandes jornais europeus, embora evitassem apoiar abertamente a causa sulista, criticavam asperamente o norte. Na Inglaterra, alguns políticos chegaram a organizar um movimento a favor da intervenção inglesa na guerra, apoiando o sul. No entanto, a oposição do povo a esse movimento impediu-o de dar frutos. E, além disso, como observou Marx pioneiramente, a Inglaterra precisava tanto do trigo do norte quanto do algodão do sul dos Estados Unidos, de modo que a sua intervenção no conflito podia lhe acarretar um duplo sacrifício comercial: ao corte do algodão poderia se acrescentar o corte do trigo.

A Guerra de Secessão – assinalou Marx – assumiu uma significação diferente das outras campanhas militares verificadas em todo aquele período da história: ao contrário da guerra da Rússia contra a Turquia, ao contrário da guerra da Itália e da França contra a Áustria ou da invasão da China por ingleses e franceses, ela sensibilizou a opinião pública mundial.

No curso da luta dos escravistas contra os antiescravistas, nos Estados Unidos, houve momentos em que a vitória da oligarquia sulista parecia mais provável do que o êxito das tropas do norte. O próprio Engels, analisando a desordem reinante nos exércitos nortistas, chegou a duvidar do triunfo da causa do norte. Marx, todavia, não hesitou: para ele, a vitória só poderia caber ao lado politicamente mais progressista e economicamente mais desenvolvido. “Parece-me” – escreveu ele a Engels – “que te deixas guiar um pouco excessivamente pelo aspecto militar da coisa”. E a evolução posterior dos acontecimentos lhe deu razão.

Quando a guerra já estava decidida, em 7 de janeiro de 1865, a Associação Internacional dos Trabalhadores, de cuja direção Marx participava, enviou a Abraham Lincoln uma mensagem de congratulações por sua reeleição na Presidência dos Estados Unidos. Nessa mensagem, os trabalhadores europeus, lembrando o fato de que Lincoln era filho de lenhadores, diziam considerar um bom prenúncio para o futuro “que tenha sido escolhido Abraham Lincoln, o sin-

tero filho da classe operária, para dirigir o país pela desigualada luta pelo resgate de uma raça escravizada e pela reconstrução da sociedade”.

Lincoln mandou resposta, pelos canais diplomáticos próprios, afirmando que seu governo tinha plena consciência de que os Estados Unidos não eram e nem poderiam ser reacionários. Além disso, declarou que a mensagem dos trabalhadores europeus lhe infundiam “renovado ânimo” para prosseguir em sua luta. No entanto, o seu assassinato em 14 de abril de 1865 impediu esse prosseguimento. A resposta à mensagem da Associação Internacional dos Trabalhadores foi um dos últimos atos políticos de Lincoln.

Internacional

A Associação Internacional dos Trabalhadores – que posteriormente ficou sendo conhecida como a “Primeira Internacional” – foi criada por decisão de um comício operário realizado em Saint Martin’s Hall (Londres), a 28 de setembro de 1864.

Naquela época, a vanguarda do proletariado inglês e a vanguarda do proletariado francês tinham ficado poderosamente impressionadas com a rebelião popular polonesa de 1863 e com a repressão czarista russa àquele movimento. Os trabalhadores de vários países europeus começavam a se convencer de que seus problemas eram comuns, de que seus inimigos eram os mesmos e de que para lutar melhor em defesa de suas reivindicações locais precisavam se unir acima das fronteiras.

A Internacional foi organizada com o objetivo de tornar mais solidários os operários dos diferentes países. O comício de Saint Martin’s Hall elegeu um comitê encarregado de redigir um projeto de estatutos. Esse projeto acabou sendo redigido por Marx, que fazia parte do comitê e transigiu, na redação, com as outras correntes do pensamento socialista chamadas a participar da associação.

O texto afirmava que os trabalhadores organizados sob a égide da Internacional adotavam diante de todos os homens uma conduta baseada na verdade, na moral e na justiça. Mas afirmava, também, outras teses mais concretas: 1) a de que a emancipação dos trabalhadores devia ser obra deles mesmos; 2) a de que a libertação dos operários devia

acabar com toda e qualquer forma de dominação de classe; 3) de que a luta política era necessária e devia sempre ter como objetivo final a emancipação econômica da classe trabalhadora; e 4) a de que a libertação do proletariado exigia a atividade conjugada – tanto teórica como prática – dos trabalhadores dos diversos países.

Marx apresentou seu anteprojeto na terceira reunião do comitê e sustentou-o com argumentos hábeis, sem nenhum sectarismo. O comitê o aprovou por unanimidade. A Internacional, então, se pôs imediatamente em funcionamento.

Uma das primeiras tarefas com que a Internacional se defrontou foi a do combate às manobras de Napoleão III, que procurava “amolecer” o combativo proletariado francês estimulando a formação de cooperativas de trabalhadores e premiando com quinhentos mil francos cada cooperativa que se fundava.

Na luta contra as ilusões do “cooperativismo”, a Internacional contou com a preciosa ajuda de Augusto Blanqui. Blanqui – cujo prestígio era imenso no meio dos trabalhadores – estava preso, na ocasião. (Ele passou, aliás, mais de quarenta anos no cárcere.) De dentro de sua cela, porém, mandava instruções a seus seguidores, recomendando-lhes que combatessem a idéia de que as cooperativas poderiam acabar com a exploração da classe operária. Na prisão ele acabara de ler *A miséria da filosofia*, de Marx, e estava convencido de que o proletariado precisava combater as ilusões reformistas do tipo das de Proudhon.

Além da luta contra as ilusões do “cooperativismo”, a Internacional – embora lutando contra a falta de meios – deu apoio material, efetivo, a diversas greves. No princípio de 1867, por exemplo, a Internacional conseguiu um extraordinário êxito ao enviar ajuda financeira dos sindicatos ingleses aos operários parisienses da indústria do bronze, que assim puderam sair vitoriosos de uma greve contra seus patrões. E em 20 de junho de 1870, a Internacional mandou à França um representante seu com dinheiro dos sindicatos

ingleses da construção mecânica para o pessoal da fundição, que estava em greve em Paris.

A burguesia dos diversos países não se conformou com as atividades do organismo e protestou, acusando-o de promover a subversão em toda parte. Um grupo de capitalistas suíços chegou a denunciar a existência de um fundo de milhões que seria manipulado pelos subversivos. Marx franqueou o exame do cofre vazio da organização operária a um emissário dos suíços.

Quando a imprensa burguesa percebeu o avanço do movimento dos trabalhadores e acusou a associação de ter provocado várias greves, Marx respondeu: “Não foi a Internacional que levou os operários à greve; foram as greves que levaram os operários à Internacional”.

Capital

Foi no ano de 1867 que Nobel inventou a dinamite. Por coincidência, foi também o ano da publicação do primeiro volume de *O capital*.

O sistema capitalista se achava, então, em franco progresso. O engenheiro francês Lessepe construiu o canal de Suez, promovendo a remoção de 14 milhões de metros cúbicos de terra por 25 mil operários anônimos. O túnel de Mont-Cenis, com 13 quilômetros de comprimento, estava sendo cavado. O norte-americano Glidden, com a colaboração dos impressores Sholes e Soulé, fabricava a primeira máquina de escrever. A primeira fábrica de máquinas de costura, organizada por Singer em 1862, aumentava as suas vendas num ritmo verdadeiramente frenético. Ao furar por acaso um poço de petróleo, em 1859, Erwin Drake deu início a uma autêntica "corrida ao óleo" nos Estados Unidos. O técnico alemão Siemens inventara um eficiente aparelho destinado à produção de eletricidade por meios eletromagnéticos: o dínamo. Em toda parte ia aumentando a produtividade do trabalho humano; e as relações capitalistas de produção conseguiam aproveitar, sem maiores problemas, os frutos do avanço tecnológico.

Foi num período em que o capitalismo ainda estava aparentemente vendendo saúde, portanto, que Marx pôs a nu as suas contradições e os seus limites, diagnosticando a doença mortal que mais tarde viria a se manifestar com toda a clareza.

A situação pessoal de Marx, na época do “diagnóstico”, era um pouquinho menos ruim do que nos anos precedentes. Sua filha Laura tinha ficado noiva do escritor socialista cubano-francês Paul Lafargue. Os furúnculos, depois de uma grave crise, tinham passado a importuná-lo menos. E seu amigo Wilhelm Wolff, falecido em 9 de maio de 1864, lhe deixara alguns bens em testamento.

No entanto, mesmo com a herança de Wolff – a quem, aliás, ele dedicou o primeiro volume de *O capital* – Marx não pôde custear sua viagem a Hamburgo para levar a obra ao editor Otto Meissner: quem pagou as despesas dessa viagem foi Engels.

O esforço realizado por Marx para aprontar o livro foi titânico. Depois de entregá-lo ao editor, passou alguns dias em Hannover, de onde escreveu a Engels uma carta de tom alegre, satisfeito com as homenagens que lhe eram prestadas pelo médico ginecologista Kugelmann e por alguns amigos dele: “Nós dois temos muito mais simpatizantes no meio da burguesia ‘cultá’ do que pensamos”. Engels respondeu-lhe: “Sempre pareceu-me que esse maldito livro, cujo peso suportaste durante tantos anos, era o principal culpado de todas as tuas desgraças e que não te sentirias livre enquanto não te desembaraçaste dele”.

Antes de dar o livro por terminado, Marx submetera-o à leitura crítica de Engels e alterara algumas passagens por sugestão deste. Engels chamara-lhe a atenção para uns poucos trechos que exigiam mais claro desenvolvimento e levantara a hipótese daqueles trechos terem sido escrito sob os efeitos da dor dos furúnculos. Marx achou graça na pilhéria do amigo e lhe respondeu: “Seja como for, a burguesia, enquanto viver, há de se lembrar dos meus furúnculos” (carta de 22 de junho de 1867).

Ao enviar ao editor as últimas provas, já revistas, da obra, Marx escreveu a Engels: “Foi somente graças a ti que pude fazer tudo. Sem os sacrifícios que fizeste por mim, eu não poderia ter realizado o imenso trabalho necessário à

elaboração dos três volumes. Com o coração cheio de gratidão, abraço-te”.

O primeiro volume de *O capital* saiu em setembro de 1867, numa tiragem de mil exemplares.

Valor

Logo no começo do primeiro volume de *O capital*, Marx estabelece uma distinção de grande importância para o desenvolvimento da sua teoria econômica: a distinção entre o *valor de uso* e o *valor de troca*.¹

1. O valor de uso é o valor que as coisas têm para as pessoas que se servem delas; ele reside na utilidade das coisas. Para uma pessoa que gosta muito de ler o valor de uso de um romance é diferente do valor de uso deste mesmo romance para um analfabeto. Por sua própria natureza, o valor de uso não pode ser medido, não pode ser traduzido em uma determinada quantidade, não pode ser expresso em números. Se eu gosto *mais* de um livro do que meu vizinho, o livro tem mais valor de uso para mim, porém não é possível explicar o fenômeno por meio de cifras. O valor de uso é sempre subjetivo: depende do sujeito que está usando ou pretende usar a coisa.

O trabalho humano, como criador de valores de uso, é uma condição de existência em geral, uma necessidade que está presente em todas as formas de organização da sociedade: ele existia na sociedade primitiva, continuou a existir nas sociedades escravistas ou feudais, existe nas sociedades capitalistas ou socialistas e prosseguirá existindo no comunismo. Para poderem viver, para se desenvolverem, todas as sociedades produzem bens materiais: alimentos, tecidos, combustível, instrumentos etc. Assim como não pode parar de *consumir*, nenhuma sociedade pode parar de *produzir*. O

trabalho, portanto, é indispensável à vida de qualquer sociedade humana.

Mas os produtos do trabalho não possuem apenas valor de uso: possuem, também, valor de troca.

O valor de troca, ao contrário do valor de uso, não é *subjetivo* e sim *objetivo*. Ele se manifesta objetivamente nas relações sociais, na troca, na compra e na venda dos produtos.

Para que um objeto possua valor de troca, é preciso que ele tenha valor de uso para alguém, que alguém o considere útil e esteja interessado em comprá-lo. Há coisas que têm valor de uso mas, em geral, não têm valor de troca; por exemplo: o ar, a água etc. Mas a análise econômica não se ocupa do valor de uso (que não pode ser medido objetivamente) e sim apenas do valor de troca. Por misturarem o valor de uso e o valor de troca é que os economistas burgueses são levados muitas vezes a se afastar demais da realidade em suas teorias. Marx deixa bem claro que, em seu exame da questão econômica do valor, estará lidando apenas com o valor de troca.

Ele se pergunta qual é a origem do valor (do valor de troca). O que faz com que duas coisas de natureza diferente possam ser comparadas e uma delas seja considerada no mercado mais valiosa (mais cara) do que a outra?

As condições especiais da oferta e da procura fazem com que variem muito os preços, isto é, a expressão monetária do valor das coisas. Na época da colheita do morango, o preço daquela fruta em geral não é tão alto como nas épocas em que ela escasseia. Mas, quando a oferta e a procura se equilibram, o que fixa o valor dos objetos? O que faz com que, nas condições usuais, uma determinada coisa tenha mais valor do que a outra? O que faz com que normalmente o preço de um cérebro eletrônico seja maior do que o de um fogão à gás?

Marx responde que é o trabalho humano. A fabricação do cérebro eletrônico exige muito mais trabalho do que a fabricação do fogão. Quanto mais trabalho exige normalmente a fabricação de uma mercadoria, maior valor ela ten-

de a alcançar no mercado. O valor aumenta, em geral, na mesma proporção que aumenta o tempo de trabalho necessário para a produção da mercadoria.

Será que isso quer dizer que, quanto mais lento e preguiçoso for um trabalhador, quanto mais primitiva for a técnica por ele utilizada, tanto maior será o valor da mercadoria por ele produzida. De jeito nenhum.

O valor de uma mercadoria não é determinada pelo tempo de trabalho *efetivamente gasto* na sua fabricação pelo operário que a produziu: é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua fabricação.

Nas condições usuais de uma determinada sociedade, em um determinado período histórico de sua evolução tecnológica, com um trabalho de intensidade média, um operário normal levaria determinado tempo para fabricar uma mercadoria. Pois bem: é esse o tempo de trabalho socialmente necessário que serve de base para a determinação do valor da mercadoria.

Marx adverte que sua explicação do fenômeno do valor é, evidentemente, apenas um ponto de partida, uma teoria de caráter geral, e não serve para enquadrar imediatamente toda e qualquer forma especial com que a questão do valor possa se apresentar no complicadíssimo quadro de uma moderna sociedade capitalista. O valor das obras de arte, por exemplo, é um caso particular que não pode ser sumariamente reduzido à lei geral.

Dinheiro

A troca só se desenvolveu depois que apareceu o excedente econômico, isto é, depois que as primeiras comunidades humanas passaram a produzir mais do que os indivíduos precisavam para o seu sustento imediato.

No início, os homens trocavam apenas o supérfluo, quando havia supérfluo para trocar. O comércio era uma atividade esporádica.

Depois, quando o excedente econômico passou a ser mais constante, a troca passou a ser feita com mais frequência e acabou se transformando numa atividade regular. Surgiu, então, a produção feita diretamente para a troca: em vez de ser determinada pelo valor de uso, a produção passou cada vez mais a ser determinada pelo valor de troca.

E, com o desenvolvimento do comércio, foi preciso inventar o dinheiro, quer dizer, uma mercadoria que facilitasse a troca de todas as outras mercadorias. Frequentemente, as pessoas perdem de vista o fato de que o dinheiro também é uma mercadoria e que ele só manifesta o seu valor quando o equiparamos a outras mercadorias. Esse obscurecimento da compreensão da verdadeira natureza do dinheiro é facilitado pelo desenvolvimento complexo das operações financeiras pelo capitalismo: o movimento do dinheiro se complica tanto que algumas pessoas até são levadas a crer que o dinheiro possui uma origem mágica.

Os antigos povos nômades foram os primeiros a desenvolver a forma do dinheiro e a empregá-lo mais ampla-

mente, pois não possuíam, em geral, bens imóveis: todos os seus bens eram móveis e, por isso, mais fáceis de trocar.

Nas sociedades antigas, o dinheiro funcionava quase exclusivamente como meio próprio para facilitar o comércio. Na sociedade moderna, entretanto, o dinheiro, a partir do século XVI, começou cada vez mais a se transformar em *capital*.

Qual é a diferença entre o dinheiro e o capital? Marx acha que a diferença está na forma de circulação característica de cada um dos dois.

No primeiro caso, o possuidor de uma mercadoria vende para ter dinheiro e poder comprar outra mercadoria que lhe interessa.

No segundo caso, o possuidor do dinheiro compra uma mercadoria com o objetivo de revendê-la e tirar vantagem, recuperando seu dinheiro com um acréscimo.

Neste segundo caso, o dinheiro, por seu destino, tornou-se capital. O valor de troca – não o valor de uso – foi o motivo propulsor, a finalidade concreta da operação. O dinheiro deixou de ser meio, passou a ser fim. O possuidor do dinheiro agiu como capitalista: investiu seu dinheiro, mas unicamente para fazê-lo aumentar.

Mas de onde vem esse aumento? Terá o dinheiro a propriedade miraculosa de se multiplicar nos movimentos que o obrigam a fazer? Marx entende que não.

Mais-Valia

Para Marx, como vimos, a fonte básica do valor não é a circulação do dinheiro e, sim, o trabalho humano. A força do trabalho possui esse dom especial de, conservando o valor das matérias-primas, ainda ampliar o valor do produto, depois de pronto.

No entanto, os trabalhadores não se servem da força de trabalho que possuem em proveito próprio. As condições sociais contemporâneas exigem que o trabalho produtivo utilize máquinas caras, instalações fabris muito complexas e custosas. Os grandes meios de produção pertencem a outras pessoas que não os trabalhadores.

Com os vultosos negócios feitos no século XV e no século XVI, a burguesia acumulou muito dinheiro. A primeira viagem de Vasco da Gama à Índia deu um lucro de 6.000%. Uma das expedições do inglês Francis Drake contra os espanhóis gerou um lucro de 4.700%.

Os métodos utilizados pela burguesia para enriquecer não foram nada suaves. Marx nos conta: “Para conseguir tomar Málaca, os holandeses subornaram o governador português. Ele os deixou entrar na cidade, em 1641. Eles, então, correram à sua casa e o assassinaram, para ‘economizar’ o preço da traição, que era de 21.875 libras”. Além de roubar o público consumidor, os operários e os povos colonizados, os burgueses se roubavam energicamente uns aos outros.

Esse período é o da chamada Revolução Comercial. Foi nele que se realizou aquilo que Marx chama de acumu-

lação originária do capital: alguns burgueses reuniram dinheiro suficiente para mais tarde poder montar grandes empresas industriais e promover a substituição definitiva do que tinha sobrado do feudalismo pelo novo regime econômico capitalista.

A Revolução Comercial abriu caminho para a Revolução Industrial. A produção capitalista foi se implantando em um número crescente de lugares, mobilizando um verdadeiro exército de trabalhadores assalariados. Não sobrava mais lugar para a produção de mercadorias feitas por artesãos independentes.

No sistema capitalista, os trabalhadores estão livres de certas limitações feudais: podem se mudar de um lugar para outro, podem escolher o patrão para quem vão trabalhar e até, se puderem ter título de eleitor, terão inclusive ocasião de votar nas eleições (nos países em que, além do sistema econômico capitalista, exista também um regime de inclinações políticas democráticas). Mas essa liberdade é enganosa. Por não controlarem como classe o poder econômico, os trabalhadores não controlam o aparelho do Estado, não participam das eleições em condições de eleger governantes que realmente representam a classe operária. Por não possuírem os meios de produção, os trabalhadores são obrigados a vender sua força de trabalho aos donos das empresas, nas condições impostas pelo mercado.

O mercado é o mercado capitalista. As instituições que regem a vida dos trabalhadores funcionam em proveito dos capitalistas. O trabalhador é vítima de uma mistificação: pelo contrato de trabalho, ele entrega ao capitalista o valor de uso de sua força de trabalho e recebe em retribuição o salário, que corresponde ao seu valor de troca. ?

No sistema capitalista, o trabalhador, em geral, não pode vender ao burguês o produto do seu trabalho, porque não tem os meios técnicos necessários à produção. O burguês, que monopoliza esses meios técnicos, só os empresta ao trabalhador quando este lhe vende a sua força de trabalho. O trabalhador *adianta* ao capitalista o uso da sua

força de trabalho e só depois de tê-la aproveitado é que o capitalista lhe paga um salário.

O capitalista calcula os gastos com a conservação e a renovação das suas máquinas, calcula os salários e calcula o valor que a mercadoria produzida em sua fábrica poderá ter no mercado. Descortada do valor do produto a parte que o capitalista paga ao operário sob a forma de salário, o que sobra é a mais-valia.

Ao comprar a força de trabalho do operário o capitalista sabe que está pagando menos que o valor que ela vai produzir.

Essa situação – diz Marx – “não depende da boa ou má vontade de cada capitalista individualmente considerado. É a livre concorrência que impõe a todos os capitalistas as leis imanentes da produção capitalista”. Se um capitalista resolvesse ser bonzinho e deixasse de obrigar seus empregados a um *sobretaxa* capaz de lhe proporcionar mais-valia, a sua empresa iria à falência.

Freqüentemente se confunde a mais-valia com o lucro. Mas o lucro, segundo Marx, é apenas uma parte da mais-valia. De acordo com a análise econômica marxista, a mais-valia abrange não só o lucro do capitalista como também o dinheiro que ele é obrigado a reservar para o funcionamento e desenvolvimento do seu negócio, além de todas as espécies de juros ou de rendas que a propriedade permita auferir.

Uma coisa, porém, é certa: toda mais-valia – seja qual for a forma específica em que ela se cristalice (lucro, juros, rendas etc.) – é sempre, substancialmente, a materialização de tempo de trabalho não pago”.

Quer dizer: no âmbito do trabalho, *o que é mais-valia para o capitalista é sempre minus-valia para o trabalhador*.

Mercadoria

Mercadoria é o que se produz para o mercado, isto é, o que se produz para a venda e não para o uso imediato do produtor.

A produção de mercadorias já existia antes do capitalismo ter começado a existir, mas foi o sistema capitalista que a generalizou. Ao se expandir, o capitalismo foi estendendo o sistema de *produção para o mercado* às mais diversas áreas. Em certo sentido, devemos dizer que o capitalismo foi o regime que *mercantilizou a vida humana*.

Tudo o capitalismo foi transformando em mercadoria. Tudo ele foi reduzindo a um valor que pudesse ser medido em dinheiro. Os ingênuos ideais do feudalismo foram sendo destruídos pela ditadura prática do dinheiro. O dinheiro foi profanando todos os cultos e tornando relativos todos os valores.

A própria força humana de trabalho – em lugar de ser reconhecida e valorizada como o meio essencial que o homem possui para a livre criação de si mesmo – foi, por toda parte, sendo transformada em mercadoria.

Por outro lado, uma vez que o trabalhador não produz a mercadoria para seu uso e sim para o mercado, uma vez que o produto do seu trabalho escapa totalmente ao seu controle e parece adquirir vida própria, o processo da produção e circulação das riquezas se obscurece e foge ao entendimento espontâneo do homem normal. “O processo da produção passou a dominar o homem, ao invés de ser dominado por ele”, escreve Marx.

As leis do mercado se impõem ao trabalho. Os preços, as cifras e as taxas de lucro comandam as operações. Os seres humanos figuram no quadro da produção apenas como instrumentos.

O movimento das coisas no mercado aparece como um movimento automático, superior à vontade dos homens. A própria linguagem cotidiana reflete isso. É comum ouvirmos frases assim: "o trigo subiu", "o café baixou", "o açúcar desapareceu", "a banha vai voltar" etc.

Os economistas da escola *fisiocrata* chegavam a estudar os fenômenos da economia como se estes se regulassem por uma *lei natural*. Adam Smith acreditava, por sua vez, que tais fenômenos manifestavam a ação de uma "mão invisível". Como no sistema capitalista a atividade produtora não se exerce em termos *humanamente racionais*, ela é levada a cair sob a jurisdição de uma *racionalidade inumana*.

A ação humana e as condições sociais em que ela se realiza assumem a aparência de uma *fatalidade*. A mercadoria não é vista como a expressão de um trabalho humano concreto. A verdadeira significação é oculta sob uma forma destinada a impedir que os homens vejam na economia uma realidade que eles criaram e podem sempre modificar. Essa forma constitui aquilo que Marx chamou de o *fetichismo da mercadoria*.

Revolução

O caminho seguido por Marx em sua análise do capitalismo não podia deixar de causar fortes contrariedades aos ideólogos da burguesia. Desde há algum tempo, aliás, os economistas burgueses vinham abandonando o terreno da objetividade científica e a honestidade essencial que tinha caracterizado os trabalhos de Adam Smith e David Ricardo.

Em 1837, por exemplo, o economista Nassau Sênior protestou contra as tentativas de diminuição da jornada de trabalho nas fábricas inglesas (a jornada era, então, de onze horas e meia) e invocou argumentos pretensamente científicos para defender os interesses patronais: "Se as horas de trabalho fossem reduzidas em uma hora por dia, isso seria o suficiente para fazer desaparecer o lucro líquido. E, se a redução fosse de uma hora e meia, desapareceria igualmente o lucro bruto".

Com o tempo, com as lutas e reivindicações do proletariado organizado, a jornada de trabalho acabou sendo reduzida a oito horas. E nem por isso as fábricas inglesas foram à falência.

Outro economista, o dr. Andrew Ure, combateu a idéia da redução da jornada de trabalho para os menores de 18 anos, alegando que uma hora de descanso adicional só serviria para corrompê-los: "Se eles deixassem o trabalho uma hora mais cedo, indo para o mundo exterior, tão frio como frívolo, a ociosidade e o vício os exporiam ao perigo da perda de suas almas".

O sr. Giddy – que não era comunista e, sim, presidente da *Royal Society* de Londres – foi ainda mais radical em seu reacionarismo. Quando propuseram no Parlamento a criação de escolas primárias para as crianças que trabalhavam nas fábricas britânicas, ele escreveu: “Dar educação às classes pobres trabalhadoras seria, na realidade, uma medida prejudicial à moral e à felicidade delas. Os trabalhadores aprenderiam a desprezar sua condição (...) poderiam ler folhetos subversivos e se tornariam insolentes no trato com seus superiores”.

De modo geral, os ideólogos da burguesia – mesmo quando não eram tão facciosos como estes três que acabamos de citar – viam o capitalismo como um regime perfeitamente adequado à “natureza humana” e achavam que o sistema capitalista de produção iria se aperfeiçoando eternamente, sem que jamais os homens chegassem a substituí-lo por qualquer outro.

Marx, com os raciocínios desenvolvidos em *O capital*, seguiu uma direção que só podia inspirar desgosto aos adeptos do capitalismo. Em sua análise da estrutura econômica do regime burguês, em nenhum momento ele admitiu que aquela pudesse ser eterna. Seu ponto de vista, ao contrário, foi o de que o sistema capitalista engendrava necessariamente seus próprios covéis.

Num capítulo de *O capital* dedicado ao exame da “Tendência Histórica da Acumulação Capitalista”, Marx estudou o processo pelo qual a propriedade capitalista foi se impondo às demais formas de propriedade e mostrou como, no bojo da sua vitória, ela trazia a sua derrota.

A indústria capitalista se monta mediante a concentração de capitais. Para poder contratar um grande número de empregados e mobilizar uma vasta quantidade de matéria-prima, o capitalista precisa ter chegado a concentrar em suas mãos um capital suficiente para arcar com as vultosas despesas. Os capitalistas, portanto, competem entre si e os grandes vão expropriando os pequenos. O desenvolvimento lógico da concentração dos capitais, entretanto, con-

duz à formação dos monopólios. Criam-se empresas cada vez maiores. A busca de lucros leva essas empresas imensas a estenderem sua ação a diversos países: na fase monopolista do capitalismo, desenvolve-se uma economia eminentemente *imperialista*. Marx não chegou a analisar o fenômeno – que ainda não se tinha desenvolvido no tempo em que ele viveu – mas chegou a identificá-lo em seus germes.

Por outro lado, paralelamente à concentração dos capitais (que desemboca no capitalismo monopolista), a indústria moderna vai desenvolvendo a forma cooperativa do processo de trabalho. As grandes empresas capitalistas reúnem um enorme número de operários e vinculam as atividades dos trabalhadores, ligando-os fortemente uns aos outros. O próprio mecanismo do processo de produção industrial vai organizando o proletariado. Cria-se uma espécie de *sociação técnica* da produção.

Em dado momento, a socialização técnica da produção possibilita um desenvolvimento da força de trabalho que o sistema de apropriação privada não pode mais suportar. O conflito entre a produção tecnicamente socializada e a apropriação de tipo capitalista começa, então, a gerar *crises*.

As crises vão preparando a revolução proletária. “O monopólio do capital converteu-se num obstáculo ao modo de produção que tinha prosperado com ele e graças ao seu apoio. A concentração dos meios de produção e a socialização do trabalho chegam a tal ponto que se tornam incompatíveis com o invólucro capitalista e o despedaçam. Soou a hora final da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados.”

Comuna

Mais cedo do que se podia prever – menos de quatro anos após a publicação do primeiro volume de *O capital* – a revolução proletária fez a sua estréia: a Comuna de Paris.

A França estava, então, em guerra com a Alemanha. Do lado francês, o comandante ainda era Napoleão III (cujo governo durou bem mais do que Marx previra). Do lado alemão, o dirigente mais importante era o reacionaríssimo Bismarck, ministro de Guilherme I.

Num dado momento, o exército alemão capturou Napoleão III e todo seu Estado-maior. A França, entretanto, não se entregou: foi proclamada a República (em 4 de setembro de 1870) e a guerra prosseguiu. O novo governo republicano burguês – sob a chefia de Thiers, historiador e “anão monstruoso”, segundo Marx – assumiu uma atitude vacilante em face dos alemães. O proletariado parisiense, que tinha tido um papel decisivo por ocasião da proclamação da República, observava com desconfiança as manobras de Thiers e temia que este abandonasse Paris às forças de Bismarck.

O povo de Paris se achava inquieto. Um Comitê Central progressista controlava a Guarda Nacional e era apoiado por cerca de trezentos mil soldados. A Guarda Nacional, que fora criada para servir à burguesia, procurava mobilizar amplos setores da população parisiense para a luta, e contava em suas fileiras com várias dezenas de milhares de trabalhadores.

Por meio de uma subscrição popular, a Guarda Nacional adquirira diversos canhões. Thiers, preocupado, ten-

tou tomar os canhões para tropas que lhe fossem mais fiéis, mas não foi bem-sucedido. Depois de ter participado de uma malograda expedição noturna a Montmartre, procurando roubar os canhões da Guarda Nacional, o general Lecomte foi fuzilado (segundo alguns, por seus próprios soldados). Outro general – Clement Thomas – também foi surpreendido em ação contra a Guarda Nacional e teve morte igualmente trágica.

Thiers percebeu que a Guarda Nacional escapara completamente ao seu controle e, em 18 de março de 1871, fugiu de Paris, indo instalar-se em Versalhes.

O Comitê Central, vendo-se senhor da situação, convocou imediatamente o povo parisiense para amplas eleições; e, em 28 de março, a direção eleita da *Comuna de Paris* assumiu o governo. Era uma direção coletiva, em que predominavam elementos representativos das classes trabalhadoras: pela primeira vez na história da humanidade, o proletariado se achava no poder.

As medidas governamentais tomadas pela Comuna, durante seus dois meses de existência, foram, em geral, acen-tuadamente democráticas e moderadas. Ela fez instalar arma-zéns e padarias que vendiam os gêneros de primeira necessidade praticamente a preço de custo. Apesar de quase todos os postos de chefia terem sido abandonados por seus ocupantes, o serviço postal foi mantido em perfeito funcionamento. Suspendeu-se a venda dos objetos colocados nas casas de penhor, prorrogaram-se os prazos de pagamentos de todas as obrigações comerciais. As ações judiciais de despejo ti-veram seu curso interrompido.

Apesar da falta de pessoal especializado e da carência de remédios, a assistência médica prestada à população pa-risiense foi bem mais eficiente do que nos anos anteriores. Elaborou-se um plano que visava instituir o ensino leigo, gratuito e obrigatório para todas as crianças: não houve tem-po, contudo, para pô-lo em prática. As oficinas abandonadas por seus proprietários foram entregues à administração dos sindicatos operários.

O Banco de França – ao qual a direção da Comuna tinha acesso – foi parcimoniosamente utilizado: os funcio-nários, em geral, foram mantidos em seus postos e as retira-das foram mínimas. Calcula-se que a Comuna gastou mais ou menos 41 milhões de francos, enquanto no mesmo pe-ríodo Thiers gastava quase o sêxtuplo dessa quantia. A probi-dade e o desprendimento pessoal com que agiram os diri-gentes da Comuna são hoje reconhecidos pela maioria dos historiadores. A preocupação de economia deles era de tal ordem que, para pouparem os recursos do povo francês, mandaram transformar as peças da baixela da Casa Imperial em moedas de cinco francos.

Thiers, em Versalhes, preparou sua desforra. Enquanto não tinha tropas que pudesse mobilizar contra a Comuna, simulou uma atitude de ponderação e declarou: “Haja o que houver, jamais enviarei tropas contra Paris” (21 de março de 1871). Depois, entrou em entendimentos com Bismarck. Quando este lhe devolveu os prisioneiros de guerra que tinha feito, Thiers, sentindo-se fortalecido militarmente, mandou invadir a capital. Bismarck acompanhou de longe o massa-cre (cerca de cinquenta mil vítimas) propiciado por um en-tendimento graças ao qual Thiers lhe entregou a Alsácia, a Lorena e, ainda por cima, assumiu o compromisso de pagar uma vulgosa indenização de guerra.

Ditadura

Tal como Bismarck, Marx acompanhou com vivo interesse o surgimento, a luta e o esmagamento da Comuna. Só que, enquanto Bismarck favorecia a repressão burguesa, Marx levava a Internacional, desde o início, a dar um resolutivo apoio à luta dos defensores da Comuna, isto é, dos *communards*.

Logo após a derrota, Marx escreveu sobre os acontecimentos um trabalho intitulado *A guerra civil na França*. Nesse ensaio histórico, prestou sua homenagem ao exemplo de heroísmo dado pelos *communards* e defendeu a Comuna de Paris contra as acusações que lhe estavam sendo feitas pelos ideólogos da burguesia.

Uma das acusações, por exemplo, era a de que o fuzilamento do arcebispo de Paris, Darboy, do juiz Bonjean, do pároco da Madeleine e de mais três jesuítas era a expressão da brutalidade incontrolável da Comuna e dava uma idéia do que ocorreria caso ela vencesse. Marx mostrou que o fuzilamento não decorreu de uma decisão do comando da revolução, mas que resultou da iniciativa de um grupo de *communards* desesperados, que esse ato havia sido uma espécie de vingança, de réplica aos fuzilamentos sumários que os generais de Thiers estavam ordenando há vários dias contra o proletariado parisiense.

Enquanto puderem, os dirigentes da Comuna tentaram trocar o arcebispos, o juiz e os demais prisioneiros por um único encarcerado que se achava nas mãos de Thiers: Augusto Blanqui. Mas Thiers recusou a troca. Ele sabia que

Blanqui, solto, poderia assumir a direção geral da Comuna e, com a força de seu prestígio, poderia fazer com que a revolução proletária se estendesse a toda a França. E, por outro lado, o cadáver do arcebispo Darboy, morto pelos parisienses, poderia ser útil aos seus propósitos políticos, ensinando-lhe a exploração propagandística de um martírio. Por isso, Marx afirmou que o responsável pela morte do arcebispo era o próprio Thiers.

O fato de Marx ter-se solidarizado com os *communards* e tomado energicamente a defesa deles, entretanto, não o impediu de ver e discutir os erros da Comuna. Segundo ele, por exemplo, a direção militar da Comuna cometera uma grave falha quando, logo após a fuga de Thiers para Versalhes, deixou de ir ao seu encalço, aproveitando a fraqueza e a desorganização das forças burguesas. A direção militar da Comuna foi demasiado tímida e adotou uma tática meramente defensiva.

No entender de Marx, o Comitê Central que dirigia a Guarda Nacional precipitou-se em desfazer-se imediatamente de seus poderes, passando-os a uma direção coletiva eleita às pressas, despreparada e prejudicada por dissensões internas.

A experiência da Comuna levou Marx a refletir mais detidamente sobre a necessidade de se desenvolver a organização partidária da classe operária, capacitando-a para enfrentar os problemas imediatos ligados à tomada do poder. Marx retomou, então, uma tese que já expusera em 1852 numa carta a seu amigo Joseph Weidemeyer: nela defendia que, após a sua ascensão ao poder, e enquanto preparam a supressão das classes, os trabalhadores precisam montar um Estado forte, precisam instaurar a ditadura do proletariado.

Na concepção de Marx, a ditadura do proletariado nada teria de intrinsecamente antidemocrática ou de essencialmente violenta. A propósito dessa questão, Marx e Engels chegaram até a polemizar com Blanqui e os seguidores deste. Os blanquistas encaravam a violência como uma espécie de fórmula mágica capaz de resolver todos os problemas: eram apaixonada e ferozmente anti-religiosos e entendiam que,

uma vez superado o modo de pensar religioso, a opressão social iria desaparecendo por si mesma. Os blanquistas subestimavam a importância da elaboração de um programa econômico e social para a mobilização popular e davam uma atenção unilateral à questão política, supondo que a conquista e a manutenção do poder dependiam exclusivamente da força militar e da violência. De acordo com a crítica dos blanquistas, a Comuna errara ao ter sido “exclusivamente democrática”: Paris deveria ter sido posta sob o controle férreo de um pequeno grupo de revolucionários e, em seguida, a ditadura de Paris deveria ter estendido o seu poder sobre o resto da França. Marx e Engels acharam corretos os aspectos “democráticos” da Comuna e viram neles elementos positivos da ditadura do proletariado. A principal falha da direção dos *communards* — conforme o ponto de vista marxista — não estaria na democracia por ela praticada e, sim, na sua confusão teórica e prática.

Bakunin

As divergências de Marx com os blanquistas não tiveram tanta importância, na ocasião, como as divergências de Marx com os bakuninistas.

Bakunin era anarquista. Marx já combatera, em 1845, os elementos de anarquismo existentes nas concepções do filósofo alemão Max Stirner. E já combatera em 1847 os elementos de anarquismo que se manifestavam nas idéias de Proudhon. O próprio Bakunin já tinha sido criticado por Marx, quando ambos se conheceram em Paris, em 1844.

Em 1868, porém, a situação parecia ter mudado definitivamente. Bakunin escreveu a Marx uma carta na qual exprimia a sua vontade de participar da luta da Internacional e fazia a autocrítica de suas atitudes passadas: “Compreendo agora melhor do que nunca, meu velho amigo, quanta razão tem você em trilhar o amplo caminho da revolução econômica, convidando-nos a segui-lo, e desprezando aqueles que se extraviam pelas sendas nacionais ou exclusivamente políticas. Faço, atualmente, aquilo que você vem fazendo há mais de vinte anos”.

Na mesma carta, Bakunin se declarava discípulo de Marx: “Minha pátria agora é a Internacional, entre cujos mais notáveis fundadores se encontra você. Como vê, meu querido amigo, sou seu discípulo e orgulho-me de sê-lo” (22 de dezembro de 1868).

Mais tarde, contudo, as divergências voltaram a surgir.

A Internacional se fortalecera em consequência da Comuna. Embora seu papel na sucessão dos acontecimentos

tivesse sido relativamente pequeno, os reacionários acusaram-na de ter sido a verdadeira causa da rebelião dos *communards*. O resultado da acusação foi o aumento do seu prestígio junto à classe operária.

Por outro lado, o crescimento da Internacional fez com que ela se defrontasse com um número maior de problemas, levou-a a uma fase crítica e exigiu que definisse com maior rigor o seu programa de ação.

Foi nessa época que Bakunin trouxe novamente à baila os seus princípios anarquistas. Em nome do anarquismo, Bakunin pôs-se a combater a participação dos trabalhadores na política institucionalizada, preconizando a abstenção sistemática nas eleições realizadas sob o regime burguês e difundindo o mito segundo o qual o caminho para a tomada do poder pela classe operária teria de ser o de uma greve geral que levaria à imediata supressão do Estado.

Marx criticou o anarquismo como uma concepção romântica e uma influência desagregadora que só poderia prejudicar o indispensável e paciente trabalho de organização do proletariado para a revolução socialista. Os companheiros de direção da Internacional consideraram justa a crítica de Marx e repeliram as posições anarquistas.

Bakunin, então, acusou Marx de querer monopolizar a direção do movimento operário, impondo-lhe métodos ditatoriais: “Como alemão e como judeu, Marx é da cabeça aos pés um autoritário”.

Derrotado por Marx na luta interna, expulso da Internacional pelo Congresso de Haia (em 1872), Bakunin acabou por se retirar da vida pública. Passou o resto dos seus dias doente e amargurado, chamando Marx de “agente policial, delator e caluniador” (carta de 26 de setembro de 1873). Morreu em 1876. Seus seguidores continuaram em atividade, pregando e praticando suas concepções.

Lassalle

Depois da morte de Bakunin, seus discípulos ainda continuaram a dar trabalho a Marx e a Engels. Depois da morte de Lassalle, igualmente, os lassalleanos causaram muitos aborrecimentos do autor de *O capital*.

Marx nunca vira com bons olhos o advogado Ferdinand Lassalle, sete anos mais moço do que ele, intelectual socialista de formação hegeliana, que chegou a exercer poderosa influência sobre o movimento operário alemão. No trato com Marx, Lassalle era cordial e prestativo. Marx, porém, não confiava nele.

Foram diversas as controvérsias ocorridas entre ambos. Quando Engels e Lassalle se desentenderam na análise do conflito que opôs a Sardenha à Áustria, em 1859, Marx tomou resolutamente o partido de Engels. Naquele mesmo ano, apreciando criticamente uma peça teatral de autoria de Lassalle – *Franz von Sickingen* –, Marx escreveu-lhe que os personagens por ele criados não eram convincentes, pois não se definiam pela ação e, sim, por discursos cansativos, figurando no palco como meros porta-vozes do autor. Lassalle não concordou com a crítica.

Lassalle considerava urgente a questão da unificação da Alemanha e, para conseguí-la a curto prazo, dispunha-se a uma aliança até com o reacionaríssimo Bismarck. Marx também achava muito importante a questão da unificação da Alemanha, mas não julgava correto, do ponto de vista revolucionário, que ela fosse feita “de cima para baixo”. Aos olhos de Marx, os métodos de Lassalle eram oportunistas.

Em 1864, Lassalle morreu num duelo, baleado pelo noivo de uma moça por quem se apaixonara. Engels escreveu em carta a Marx: "Atualmente, ele era para nós um amigo incerto. No futuro, seria quase seguramente um inimigo. Mas pouco importa: é doloroso ver como na Alemanha vão se acabando os homens capazes do partido". Marx respondeu: "Apesar de tudo, ele era da velha guarda; e era inimigo de nossos inimigos" (7 de setembro de 1864).

Mais tarde, em 1869, Marx e Engels estimularam a fundação de um novo partido operário na Alemanha, para competir com o partido dos discípulos de Lassalle. O novo partido foi criado na cidade de Eisenach e ficou conhecido como *Partido de Eisenach*. Entre os seus dirigentes, influenciados por Marx, achavam-se W. Liebknecht, Augusto Bebel e Wilhelm Bracke.

Em 1874, realizaram-se eleições na Alemanha e os partidos de esquerda conseguiram excelentes resultados. Lassalleanos e eisenachianos, então, resolveram se unir: realizaram um congresso, em Gotha, e aprovaram um programa de ação comum. Marx considerou o programa que selava a aliança um documento bastante infeliz e enviou a Bracke uma série de anotações, que posteriormente vieram a ser publicadas sob o título de *Crítica ao programa de Gotha*.

Nas anotações, Marx fustigava as concessões feitas à corrente lassalleana e dizia que a utilização das idéias e fórmulas ambíguas de Lassalle só serviria para desmoralizar um programa que se pretendia revolucionário. Parecia-lhe, por exemplo, marcada pelo mais nefasto paternalismo a idéia segundo a qual o Partido Operário deveria lutar pela criação de cooperativas de produção auxiliadas pelo Estado burguês. Parecia-lhe também equivocada a tese que levava o Partido Operário a exigir do Estado burguês uma educação efetivamente democrática e popular. E isso ainda o chocava mais ao considerar que o Estado a que se referia o Programa de Gotha era o Estado prussiano, dirigido por Bismarck.

Por outro lado, as anotações de Marx não se limitaram à ação negativa, à refutação das teses lassalleanas, aguda-

mente *reformistas*. Um dos pontos essenciais da *Crítica ao programa de Gotha* é aquele que estabelece a diferença entre o socialismo e o comunismo.

Para Marx, a sociedade socialista é aquela em que o peso negativo do passado ainda é muito grande, a divisão social do trabalho ainda não foi superada, o Estado ainda subsiste, os homens ainda não passaram por uma profunda transformação: nela, a emulação ainda exige que cada indivíduo receba a sua parte da riqueza social de acordo com a sua produtividade.

Na sociedade comunista plenamente desenvolvida, ao contrário, o Estado, segundo Marx, desaparece como tal. Os indivíduos, desfrutando de toda segurança econômica, podem em fim libertar-se de certas formas primárias de egoísmo. A divisão social do trabalho é superada. E a comunidade humana põe em prática a máxima do socialista utópico Proster Infantin: "De cada um de acordo com suas possibilidades, a cada um de acordo com suas necessidades".

Rússia

Além da caracterização do comunismo na *Crítica ao programa de Gotha*, Marx esboçou definições dele em outras obras. Em *O capital*, por exemplo, referiu-se ao comunismo como “uma livre associação de indivíduos que trabalham com meios coletivos de produção e aplicam suas numerosas forças individuais de trabalho, com plena consciência do que fazem, como uma só força imensa de trabalho social”.

De modo geral, contudo, as caracterizações do comunismo por Marx são raras, cautelosas e abstratas. Ele evitava sair do terreno cientificamente já assentado e não queria – como escreveu no prefácio de *O capital* – “elaborar receitas para os caldeirões do futuro”.

Ao contrário dos utopistas e dos visionários, Marx tinha clara consciência de que seu método não podia fazer concorrência a qualquer *bola de cristal*. Ele sabia que uma concepção da História, por mais científica que seja, pode prever a *direção* necessária em que os homens caminharão para poder solucionar as grandes contradições sociais com que se defrontam em uma determinada fase, mas não pode prever as circunstâncias particulares que hão de caracterizar todos os acontecimentos do processo histórico.

Quanto mais aperfeiçoava o seu método, tanto mais procurava levar em conta a infinita variabilidade das condições empíricas em que os povos evoluem.

Nos últimos anos de sua vida, por exemplo, Marx interessou-se vivamente pela Rússia. Estudou a língua russa, deteve-se no exame da história política da Rússia e de sua

economia, analisou sua composição de classes e, em diversas ocasiões, previu que lá haveria de ocorrer uma grande revolução.

Em 12 de fevereiro de 1870, após ter lido um livro do ensaísta russo Fleróvski sobre a classe operária no país dos czares, Marx escreveu a Engels: "A situação atual na Rússia é insustentável. A emancipação dos servos apenas acelera o processo de dissolução. Uma terrível revolução social é iminente". Por outro lado, analisando a guerra européia de 1870, em carta a Sorge, previu: "Uma segunda guerra dessa espécie agirá inevitavelmente como a parteira da revolução social na Rússia".

Mais tarde, em 27 de setembro de 1877, voltou a escrever a Sorge, dizendo: "Todas as camadas da sociedade russa se acham em decomposição, tanto econômica e moral como intelectualmente. Desta vez a revolução está começando no Oriente. E é lá que se encontra o exército de reserva e o bastião (até aqui intacto) da contra-revolução".

Em 1º de fevereiro de 1879, o diplomata inglês Mountstuart E. Grant-Duff, depois de uma conversa com Marx, escreveu à imperatriz Frederika da Alemanha: "Com alguma razão, ele espera para breve o desabamento total na Rússia; acha que isso começará por reformas de cúpula e que o velho edifício, incapaz de suportar as mudanças, será levado à ruína".

A Rússia, aliás, foi um dos países onde as idéias de Marx começaram a penetrar mais cedo e com maior rapidez. O *Manifesto comunista*, em tradução de Bakunin, tivera boa repercussão. E o primeiro volume de *O capital*, lançado em 1872 em tradução russa (autorizada pela censura czarista em virtude de ser um volume muito grosso), vendera mais de novecentos exemplares em menos de dois meses.

Crepúsculo

Em 1865, Marx e a família se mudaram para Maitland Park Road, nº 41, no bairro de Haverstock Hill (Londres), e ali Marx viveu seus últimos anos. Não foram anos de pobreza tão aguda como os anteriores, uma vez que Engels pôde ajudá-los de maneira mais efetiva.

Laura Marx casou-se, em 1868, com Paul Lafargue. Jenny Marx (a filha mais velha) casou-se, em 1872, com Charles Longuet. Tanto Lafargue como Longuet lutaram na Comuna de Paris e tiveram de se refugiar fora da França em seguida à repressão. A terceira filha — Eleanor — namorou outro *communard*: Lissagaray. Porém não se casou com ele e, sim, com o inglês Aveling.

Embora as preocupações financeiras tivessem ficado atenuadas, a saúde de Marx piorou: atormentavam-no uma constante dor de cabeça, uma bronquite crônica, a velha furunculose (que voltara) e o mau funcionamento de seu fígado.

Sua atividade política verificou uma sensível redução. As leituras, entretanto, se multiplicaram. Marx lia furiosamente e tomava notas a respeito dos livros lidos. Depois de sua morte, Engels ficou espantado com o volume de anotações de leitura de seu amigo: cerca de três mil páginas, preenchidas com letra minúscula, estendendo-se por cinquenta cadernos.

Como de hábito, Marx lia sobre os mais variados assuntos: desde fisiologia e astronomia (Laplace) até economia, evolução do crédito, propriedade da terra e agricultura, passando por história e filosofia (estudos sobre Leibniz e Descartes).

O trabalho da elaboração do segundo e terceiro volumes de *O capital* se desenvolveu com lentidão. Como Engels tinha entrado em polêmica (1876) com o professor alemão Eugen Dühring (que vinha exercendo uma influência confusa sobre o movimento operário na Alemanha), Marx ajudou-o, escrevendo o capítulo econômico do *Anti-Dühring*. Este capítulo foi um dos raros escritos destinados à publicação preparados por ele durante a última década da sua vida.

Em uma carta enviada a Joseph Dietzgen em dezembro de 1875, por exemplo, Marx declarou que pretendia escrever todo um livro sobre a dialética. Pois bem, esse livro – que seria tão importante para o esclarecimento teórico da filosofia marxista – não chegou sequer a ser esboçado no papel.

Outro livro não concluído (cujo trabalho de realização, contudo, chegou pelo menos a ser iniciado): um estudo sobre a evolução histórica da instituição da família, baseado nas pesquisas do norte-americano [H. L. Morgan]. Mais tarde, em 1884, Engels aproveitou as anotações deixadas por Marx e utilizou-as expressamente no livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

Afora isso, Marx escreveu bem pouco nessa fase. Cartas, alguns prefácios para reedições de obras suas, uns poucos artigos de jornal, um questionário para o inquérito realizado pela *Revue Socialiste*, em 1880, a introdução do Programa do Partido Operário Francês (ditada por ele a Jules Guesde, em Londres, 1880, na presença de Lafargue e Engels), e só.

Morte

Nos arquivos secretos do Estado prussiano foi encontrado, há tempos, um documento interessante: o relatório de um agente policial que freqüentou a casa de Marx em Londres, em 1853. Nesse relatório, o espião descreve Marx, sua esposa e seu ambiente doméstico. Passamos a transcrevê-lo.

“Marx é de estatura mediana, tem 34 anos e seus cabelos já estão grisalhos. Seus ombros são largos. Usa barba. Seus grandes olhos penetrantes e vivos têm qualquer coisa de demoníaco: sente-se que se trata de um homem cheio de gênio e energia. Sua superioridade intelectual fascina irresistivelmente os que o cercam. É um homem de vida extremamente desorganizada; não tem hora para levantar-se nem para deitar-se. Frequentemente passa as noites em claro; depois, ao meio-dia, deita-se sobre um sofá e dorme até anoitecer, sem se preocupar com as pessoas que estão sempre entrando em sua casa. Sua esposa, irmã do ministro da Prússia, é uma mulher culta e simpática, que se acostumou à miséria e a essa vida boêmia; tem duas filhas e um filho, um menino muito bonito. Quando as pessoas entram na casa de Marx, são envolvidas por uma nuvem de fumaça e são obrigadas a caminhar cautelosamente, como se entrassem em uma caverna. Nada disso constrange Marx ou sua mulher, que recebem os visitantes com amabilidade, trazem-lhes fumo e alguma coisa para beber. Uma conversa inteligente e agradável acaba, então, por compensar as deficiências da casa, tornando suportável a sua falta de conforto. Esse é o quadro fiel da vida familiar do chefe comunista Marx.”

No essencial, o depoimento do beleguim policial coincide com as informações prestadas pelas filhas de Marx, por Lafargue e Liebknecht. Marx era, à sua maneira, um homem apegado à família: convivía muito com as filhas, contava-lhes histórias, saía com elas em longos passeios a pé e, quando elas eram pequenas, servia-lhes comumente de cavalo.

O centro da vida doméstica de Marx, entretanto, mais do que as filhas, era sua mulher. Jenny acompanhou-o com admirável coragem ao longo de toda a sua acidentada vida, colaborando diligentemente com ele, participando de todos os seus problemas e de todas as suas dificuldades. Marx prezava-lhe muito a opinião: dava-lhe a ler os manuscritos de seus trabalhos e a ouvia com atenção antes de publicá-los.

Quando ela morreu, em 2 de dezembro de 1881, vítima de um câncer no fígado, Marx sofreu um tremendo abalo. Sua saúde teve um acentuado declínio. A família enviou-o para Alger, a conselho médico. De lá, escreveu a Engels: "Você sabe que poucas pessoas detestam o patético-demonstrativo tanto como eu. Mas, aqui entre nós, eu lhe estaria mentindo se não confessasse que meu espírito vive atualmente em grande parte absorvido pela recordação de minha mulher, que foi a melhor parte da minha vida" (1º de março de 1882).

Posteriormente, passou algum tempo em Paris, na companhia dos genros. Conversando com eles, descobriu influências de Bakunin em Lafargue e influências de Proudhon em Longuet. Irritado, escreveu a Engels: "Longuet me aparece como o último dos proudhonianos e Lafargue como o último dos bakuninistas. O diabo os leve!" (11 de novembro de 1882).

De volta a Londres, prosseguiu em suas leituras. Acompanhou as experiências de Deprez relativas à transmissão da eletricidade em longa distância, organizou uma cronologia da história da Alemanha, estudou a história do antigo Egito. Não perdia de vista, por outro lado, a atualidade política; e aborrecia-se com as deficiências dos socialistas. Sabendo das tolices que eram ditas ou praticadas em seu nome, pilheriou

com Engels: "O que é certo é que eu — Marx — não sou marxista".

Em 11 de janeiro de 1883, morreu sua filha, Jenny Longuet. Depois da morte da mulher, era um novo golpe. O estado de Marx se agravou: uma inflamação da garganta o impedia de falar e engolir. Teve, então, um abscesso no pulmão. E veio a falecer em 14 de março de 1883.

Posteridade

Em 1885, Engels publicou o segundo volume de *O capital*. E em 1894, o terceiro. Para a publicação do segundo e sobretudo do terceiro volume da obra fundamental de seu amigo, foi-lhe necessário um imenso trabalho de organização do caótico material deixado por Marx.

Depois da morte de Engels, em 1895, Karl Kautski se incumbiu de prosseguir na organização dos escritos inéditos de Marx, com o objetivo de publicá-los. E, em 1905, Kautski iniciou a publicação, sob o título de *Teorias sobre a mais-valia*, daquilo que constituiria o quarto volume de *O capital*, segundo o plano de Marx: a análise histórica das teorias econômicas que tinham abordado, antes dele, as questões tratadas de maneira sistemática nos três primeiros volumes.

Quando Engels comunicou a Bernstein a morte de Marx, numa carta escrita no próprio dia 14 de março de 1883, formulou a seguinte previsão: “Durante alguns anos, desaparecerão, com ele, da cena, seus pontos de vista elevados”. A previsão se confirmou. As idéias de Marx se difundiram em escala apreciável; porém, ao se difundirem, sofreram também um processo de empobrecimento filosófico. A época da 2ª Internacional, criada em 1889, não trouxe para o marxismo nenhum desenvolvimento teórico profundo.

Mesmo os mais talentosos entre os teóricos marxistas dessa época da 2ª Internacional – como Kautski, Plekhanov, Lafargue e Mehring – não souberam salvaguardar, em muitos aspectos, a verdadeira essência da filosofia de Marx. Lafargue, por exemplo, escreveu um livro intitulado *O determi-*

nismo econômico de Karl Marx, publicado em 1909, no qual a concepção marxista da história perde a sua dimensão dialética e se vê reduzida às proporções mesquinhas de um *economismo*. Plekhanov, por sua vez, ignorando o que existe de criação no trabalho dos artistas, reduzia a arte à sua gênese social e se punha a buscar um equivalente sociológico para a obra de arte. E Kautski tendia a assimilar as formas específicas dos movimentos sociais às formas próprias dos movimentos biológicos, subordinando, assim, a perspectiva marxista à perspectiva de uma espécie de *darwinismo social*.

Em fins de 1917, aproveitando as condições criadas pela falência do czarismo e pela guerra européia, um partido marxista conseguiu, na Rússia, pela primeira vez na História, tomar o poder e firmar-se nele. O líder desse partido – Vladimir Ilitch Ulianov, mais conhecido como Lenin – tornou-se responsável por um revigoramento do marxismo.

Infelizmente, porém, esse revigoramento foi cortado, após a morte de Lenin, pelas condições instauradas por Stalin.

Paradoxalmente, à medida que se agravava a crise da experiência da União Soviética, o marxismo reconquistou suas mais amplas possibilidades de desenvolvimento. Um texto que tem estimulado a reflexão marxista, nos nossos dias, é o dos *Manuscritos econômicos e filosóficos* de 1844, obra do jovem Marx que só veio a ser publicada em 1931: esse texto – que o próprio Lenin não chegou a conhecer – mostra com grande clareza a amplitude humanista da filosofia marxista e desautoriza as interpretações que apresentam o pensamento de Marx como uma mera doutrina econômica ou como uma simples teoria política estratificada em dogmas de tipo religioso.

Marx elaborou as bases de uma vasta concepção do homem e do mundo. Por força das condições em que viveu e em virtude da urgência das tarefas que se impôs, não pôde desenvolver suas idéias no que concerne aos diversos planos da atividade humana: concentrou-se no exame dos problemas econômicos, sociais e políticos. Sua contribuição à história da cultura, entretanto, ultrapassa os limites da economia,

da sociologia e da política. Como diversos marxistas contemporâneos têm demonstrado – sobretudo Georg Lukács, Antonio Gramsci e os pensadores da Escola de Frankfurt – a obra de Marx revela uma espantosa vitalidade quando a confrontamos com as mais variadas questões da época presente.

Mesmo pensadores não-marxistas reconhecem tal vitalidade. É por isso que um [Heidegger] por exemplo, no fim de sua vida estava se dedicando a reflexões sobre temas colhidos na obra de Marx. É por isso que Jean-Paul Sartre, tendo partido de pontos de vista existencialistas, desemboca na conclusão de que: “o marxismo é a filosofia insuperável do nosso tempo”. E é por isso que o católico Jean Lacroix, replicando àqueles que se apegam a uma versão dogmática do marxismo, escreve: “Em sua inspiração mais profunda, o espírito marxista é, sem dúvida, uma negação radical de todo dogmatismo” (*Marxismo, existencialismo, personalismo*).

Bibliografia

Quem quiser aprofundar seus estudos sobre Marx e suas concepções, evidentemente, deverá procurar lê-las nos próprios textos de sua autoria. As obras essenciais de Marx estão referidas no corpo desse livro. Elas são: *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*, o ensaio *Sobre a questão judia*, os *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*, *A sagrada família*, *A ideologia alemã*, as *Teses sobre Feuerbach*, *A miséria da filosofia*, o *Manifesto comunista*, *Trabalho assalariado e capital* (texto das conferências pronunciadas por Marx em Bruxelas, em 1847), *Salário, preço e lucro* (informe pronunciado perante o Conselho dirigente da Internacional em 1865), *As lutas de classe em França de 1848 a 1850*, *O 18 brumário de Luís Bonaparte*, *A guerra civil na França (1871)*, a *Introdução geral à crítica da economia política*, os *Fundamentos da economia política e a Contribuição à crítica da economia política*, além da *Crítica ao programa de Gotha*, das *Teorias sobre a mais-valia e*, naturalmente, *O capital*.

Infelizmente, nem todos esses textos podem ser encontrados em nossa língua; e, mesmo entre os que já foram traduzidos, nem todos tiveram boas traduções. Os leitores que assim o desejarem, contudo, poderão encontrar vários deles na coletânea das *Obras escolhidas de Marx e Engels*, em três volumes, lançada pela *Editorial Vitória e republicada pela editora Alfa-Omega*; ali, de modo geral, as traduções foram feitas com rigor e submetidas a uma eficiente revisão.

Para elaborar o presente trabalho, servi-me, igualmente, da edição francesa (Costes) da correspondência de Marx, uma vez que ela ainda não foi editada em português. Vali-me, além disso, de elementos escolhidos na cronologia elaborada por Maximilien Rubel para o primeiro volume da edição das *Oeuvres de Karl Marx* pela editora Gallimard. E recorri, também, a *Pour Connaitre la Pensée de Karl Marx*, de Henri Lefebvre (Ed. Bordas), ao interessantíssimo, *L'Humanisme Agissant de Karl Marx*, de Luc Somerhausen (Ed. Richard Masse), a *Karl Marx – Essai de Biographie Intellectuelle*, de M. Rubel (Ed. Marcel Rivière, 1957), a *Carlos Marx – Esbozo Biográfico*, de E. Stepanova (Ediciones en Lenguas Extranjeras, Moscou), a *Marx y los Sindicatos*, de A. Losovski (Ediciones Europa-America, Barcelona, 1935) e a *Karl Marx* de Roger Garaudy (Ed. Seghers).

Minhas principais fontes, contudo, foram: *Carlos Marx, el Fundador del Socialismo Científico*, de Franz Mehring, Editorial Claridad, Buenos Aires, 1943, tradução de Wenceslao Roces, e *Karl Marx et Friedrich Engels*, de Auguste Cornu, três volumes, edição de Presses Universitaires de France.

Reverendo o texto e preparando essa nova edição, pude utilizar também os volumes da editora Dietz, de Berlim, os *Marx-Engels-Werke* (MEW).